



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PSICOLOGIA

**BRENDA BARROS MACHADO**

**A PSICODINÂMICA DO TRABALHO DE MÚSICOS LUDOVICENSES**

São Luís

2018

**BRENDA BARROS MACHADO**

**O RECONHECIMENTO NO TRABALHO DOS MÚSICOS PROFISSIONAIS EM  
SÃO LUÍS/MA**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do Bacharel em Psicologia com Formação de Psicólogo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Carla Vaz dos Santos Ribeiro

São Luís

2018

Machado, Brenda Barros.

O reconhecimento no trabalho dos músicos profissionais em São Luís/MA./  
Brenda Barros Machado. – São Luís - MA, 2018.

62f. il.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientador: Profª Dra Carla Vaz dos Santos Ribeiro.

Monografia (Graduação em Psicologia) – Curso de Psicologia da Universidade  
Federal do Maranhão, 2018.

1. Psicodinâmica do Trabalho. 2. Reconhecimento no trabalho. 3. Trabalho dos  
músicos. I. Título.

CDU 159.944

**BRENDA BARROS MACHADO**

**O RECONHECIMENTO NO TRABALHO DOS MÚSICOS PROFISSIONAIS EM  
SÃO LUÍS/MA**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do Bacharel em Psicologia com Formação de Psicólogo.

Aprovada em:     /     /

BANCA EXAMINADORA:

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Carla Vaz dos Santos Ribeiro**  
Doutora em Psicologia Social  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Denise Bessa Léda**  
Doutora em Psicologia Social  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma Solange Lopes da Silva**  
Mestre em Psicologia

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade de ter feito uma graduação no Ensino Público Federal, condição esta que me fez crescer enquanto ser humano e futura profissional no mundo do trabalho.

À minha família, por sempre acreditar no meu potencial e oferecer todo o suporte necessário do qual precisei durante toda a minha vida. Por estarem comigo nos momentos bons e ruins, eu lhes sou grata e os amo sem medidas.

À minha mãe, por ter me ensinado tudo o que sei, tudo o que sou, tudo o que preciso ser. Agradeço pelas cobranças e preocupações, reconheço a função de todas elas e sei que nada disso seria possível sem você.

Ao meu pai, por ter me sensibilizado na formulação desse tema de pesquisa.

À professora e orientadora Carla Vaz, pois acredito não haver outra pessoa que pudesse ter ocupado esse lugar que não você. Obrigada pela disponibilidade, pela confiança em mim e no meu tema, seus apontamentos sempre foram muito valiosos. Poderia deixar ainda a minha admiração pela sua inteligência, perspicácia e bom humor, mas visto que seguiremos juntas no mestrado, deixarei estas para a dissertação.

Às professoras Denise Bessa e Wanderlea Bandeira, tenho-as como referência, pois com vocês aprendi dentro e fora do curso de Psicologia o valor da docência, tamanha dedicação e afeto que conseguem transmitir aos seus alunos.

À Solange Lopes, a quem tenho como amiga e conselheira acadêmica, por sempre me socorrer nas dúvidas e angústias, além de me dar forças para seguir galgando novos desafios na vida profissional. Agradeço pelas nossas conversas à distância e por ampliar meu olhar da Psicologia Organizacional e do Trabalho.

À equipe da Divisão de Qualidade de Vida/UFMA, pelo acolhimento cuidadoso e prestativo, por terem me dado a oportunidade de estagiar em um espaço onde foi possível ver competência e cooperação. Em especial, agradeço pela amizade sincera de Josy Garrido, que além das excelentes caronas, me ofereceu suporte emocional nos momentos difíceis.

À minha supervisora Alynne Virginya, que desde o início do estágio se mostrou disponível para me orientar e ensinar os caminhos de uma prática profissional ética, fundamentada teoricamente e efetivamente compromissada com a saúde do trabalhador.

À Danielle, por sempre aturar minhas crises emocionais mesmo quando tu estavas vivendo as tuas próprias crises; e Renan, pela paciência, compreensão e apoio em momentos significativos. Carregarei tudo isso para sempre em meu coração.

Aos Migos do Pop: Larisoli, Larissa, Elayne, Elone, Yarla e Luís. Vocês foram um porto seguro durante toda a graduação. Acredito que um forte esteio foi construído e que ao longo dos anos poderemos contar uns com os outros, tanto profissionalmente quando afetivamente. “Amo vocês, beijo”.

“Não existe meio mais seguro para fugir do mundo do que a arte, e não há forma mais segura de se unir a ele do que a arte”.

(J. W. GOETHE)

## RESUMO

O mundo do trabalho na contemporaneidade se (re) configura com fluidez e agilidade, impondo ao trabalhador adaptação e modulação às dissonâncias destas transformações, o que repercute em sua saúde física e psíquica. Partindo do referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho, que compreende também o sujeito nos moldes do trabalho informal, buscou-se pensar no trabalho artístico como profissão e no artista enquanto trabalhador, visto que há um imaginário sócio-cultural que estereotipa e desvaloriza esta classe. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar como se dá a dinâmica do reconhecimento do trabalho dos músicos na cidade de São Luís/MA. Para atender a este objetivo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas com 7 músicos. Foram relatadas vivências de sofrimento na percepção social da figura do músico e na falta de reconhecimento, muitas vezes refletida em sua remuneração. O prazer foi atrelado à música em si e ao reconhecimento por parte do público e principalmente de outros músicos. Percebeu-se que mesmo diante de toda a instabilidade no meio musical, não necessariamente sendo bem remunerados, trabalhando sob condições adversas e por vezes prejudiciais à sua saúde, esses trabalhadores encontram sentido em sua atividade através da ressignificação da relação sujeito-trabalho pela relação sujeito-música, ao passo que o reconhecimento do seu trabalho, que se manifesta por uma via simbólica, é o que promove a autorrealização, beneficiando a saúde psíquica do trabalhador.

**Palavras-chave:** Psicodinâmica do Trabalho. Reconhecimento no trabalho. Trabalho dos músicos.



## **ABSTRACT**

The world of work in the contemporaneity reconfigures itself with fluidity and agility, imposing to the worker to adapt to the dissonances to these transformations, which has repercussions on their physical and psychic health. By using the theoretical reference of the Psychodynamics of Work, that comprehends the subject as well as in the form of informal work, it was sought to consider the artistic work as a profession and the artist as a worker, since there is a socio-cultural imaginary that stereotypes and devalues this class. Thus, this research aimed to analyze the dynamics of the recognition of the musicians work in the city of São Luís/ MA. To meet this, a qualitative research was developed, with semi-structured interviews performed with 7 musicians. Experiences of suffering have been reported given by the social perception of the figure of the musicians and in the lack of recognition, often reflected in their remuneration. The pleasure was related to the music itself and the recognition by the public and especially by other musicians. It was perceived that even in the face of instability in the musical environment, not necessarily being well paid, working under adverse conditions and sometimes harmful to health, these workers find meaning in their activity through the redetermination of the connexion subject-work by the connexion subject-music, while the recognition of the work, wich manifests itself in a symbolic way, is what promotes self-realization, benefiting the worker's psychic health.

**Keywords:** Psychodynamics of Work. Recognition at work. Musicians work.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>MUNDO DO TRABALHO: metabolismo sócio-histórico dos conceitos.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>As mutações no mundo do trabalho.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>A informalidade do trabalho: uma solução econômica.....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>SUJEITO E TRABALHO: quem é o músico enquanto trabalhador?.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1</b>	<b>O lugar social do músico.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2</b>	<b>“Trabalho à tarde, canto à noite”: o trabalho dos músicos profissionais.....</b>	<b>31</b>
<b>4</b>	<b>A PSICODINÂMICA DO TRABALHO DOS MÚSICOS.....</b>	<b>35</b>
<b>4.1</b>	<b>Prazer-sofrimento: “não sou alegre, nem sou triste: sou poeta”.....</b>	<b>36</b>
<b>4.2</b>	<b>O sentido no trabalho: “eu respiro música, é até perturbador”.....</b>	<b>40</b>
<b>4.3</b>	<b>A dinâmica do reconhecimento como retribuição simbólica.....</b>	<b>42</b>
<b>4.4</b>	<b>Estratégias de mediação: “eu não quero nem ouvir o rádio tocar”.....</b>	<b>46</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>61</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As relações de trabalho têm sido objeto de estudo das mais diversas áreas teóricas, sejam estas da Saúde, das Ciências Humanas e Sociais. O trabalho nos moldes atuais não pode mais ser concebido apenas pela via da necessidade de sobrevivência humana, trata-se de um fenômeno muito mais complexo, pois envolve uma série de fatores sociais que o perpassam, advindos das mutações constantes no mundo do trabalho e nas suas relações, tais como o *status* do emprego, o poder, a vaidade, as exigências de qualificação, a efemeridade de cargos, entre outros. Nesse sentido, no intuito de conhecer o sujeito trabalhador e seu contexto de trabalho é preciso considerar toda essa conjuntura que os atravessam, bem como as formas pelas quais o trabalho tem sido concebido ao longo do tempo.

Schlindwein (2015) afirma que “[...] o trabalho é um instrumento de construção de sentido, de conquista da identidade, da continuidade e historicização do sujeito na sociedade” (p. 175). O trabalho é, portanto, categoria central na vida humana, sendo fonte de sustento financeiro, mas que, sobretudo constitui a nossa dimensão psíquica, não havendo possibilidade de neutralidade frente à saúde mental do sujeito (DEJOURS, 2004; DEJOURS, 2005), pois sempre haverá um descompasso entre a organização do trabalho e os interesses do trabalhador, o que configura o trabalho como gerador de prazer e sofrimento.

Albornoz (1986) defende que o trabalho é o esforço e também o resultado, no qual o sujeito é ativo e construtor do processo. A condição humana nos permite a criatividade na execução de tarefas – somos capazes de realizar uma ação, por mais mecânica e repetitiva que seja, de formas variadas, diferentemente da ação instintiva dos animais. Dejours, Dessors e Desrioux (1993) afirmam que a tarefa monótona e imutável é perigosa para o trabalhador, mas que pode ser possível escolher o modo de operar, o que é favorável à sua saúde.

Albornoz (1986) ainda aponta que a distinção do trabalho em intelectual e corporal é reducionista e não retrata o real do trabalho, uma vez que toda atividade, por mais intelectual que seja, necessita do mínimo esforço físico para ser realizada, bem como a execução de uma ação precisa ser pensada antes. Deste modo, nos é possível criar estratégias para lidar com a monotonia, com as prescrições e frustrações que decorrem do cotidiano laboral ao qual estamos submetidos. Por vezes, o trabalho monótono e operacional é visto como negativo, enquanto o trabalho intelectual é visto enquanto algo prazeroso e pouco penoso de ser realizado. No entanto, são os aspectos psicossociais do indivíduo que irão determinar a forma como ele se relaciona com aquela atividade, dotando-a de sentido ou não.

Uma vez que o emprego formal é tido como uma meta de vida, por inserir o sujeito em sociedade, a fim de que ele possa contribuir para a esfera pública e para uma receita federal, em contrapartida alguns trabalhos, por conta do seu caráter informal, são percebidos socialmente como atividades de lazer, que nem mesmo são consideradas labor. O trabalho artístico, por exemplo, é vislumbrado como algo que se faz no tempo livre ao tempo de trabalho, quase como um *hobby*, sendo então iminentemente prazeroso ao sujeito.

Segundo Cerqueira (2015), a atividade artística possui várias dimensões, sendo ao mesmo tempo uma forma de expressão através do imaterial, a realização de um trabalho e o exercício de uma profissão. Assis e Macêdo (2010) afirmam que o músico, através do seu trabalho, busca expressar sua “verdade psíquica” e encontra na música uma forma de despertar uma reação emocional no público, e isso o leva a criar. Trata-se, portanto, de uma ocupação que demanda também um investimento afetivo.

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) a profissão de músico está disposta de acordo com os diferentes títulos que cada profissional da área pode ocupar, tais como: músico arranjador, músico intérprete cantor, músico intérprete erudito, músico intérprete popular, músico intérprete instrumentista, musicólogo, músico regente e musicoterapeuta (CBO, 2018). Na presente pesquisa, serão contemplados os músicos intérpretes cantor e instrumentista, cuja descrição de atividades é: “[...] interpretam músicas por meio de instrumentos ou voz, em público ou em estúdios de gravação e para tanto aperfeiçoam e atualizam as qualidades técnicas de execução e interpretação, pesquisam e criam propostas no campo musical”. (CBO, 2018)

No entanto, a sociedade, de modo geral, não reconhece tal categoria enquanto classe trabalhadora, dado o caráter informal deste vínculo empregatício. Lage e Barros (2017) afirmam que por estar ligada ao lazer, a atividade de trabalho na música é vista muito mais como um estado do que como profissão.

Feitosa (2010) aponta a existência de algumas produções acerca do trabalho de artistas no Brasil, especialmente nos campos da Psicologia, Ergonomia e Sociologia, no entanto tais pesquisas dão ênfase à performance e aos processos criativos, sem dar atenção às relações de trabalho, ao cotidiano e às experiências subjetivas de cada pessoa. Diante do exposto, percebe-se a relevância do tema e da investigação desses aspectos que entrelaçam o artista, mais especificamente o músico, com o seu trabalho.

A escolha pelo tema se deu a partir da experiência da pesquisadora em possuir um familiar, no caso o pai, que durante toda sua vida esteve inserido no contexto da música e esteve ausente em datas importantes, fez inúmeras viagens de longa duração, envolveu-se em

acidentes na estrada, vivenciou várias vezes falta de dinheiro por incerteza do recebimento do cachê, dada a informalidade dos “contratos”, que eram usualmente verbalizados, dentre outras situações. Além disso, a convivência com outros músicos em conjunturas semelhantes ou ainda com maiores dificuldades também foi sensibilizadora ao longo dos anos.

Em experiências mais recentes, e já possuindo a leitura da Psicologia do Trabalho, foi possível observar a forma como o consumidor (o público) ludovicense muitas vezes se posiciona diante dos artistas em geral, que têm seu trabalho ainda pouco ouvido, aplaudido e disseminado. Eles trabalham em condições bastante precárias, contudo precisam manter uma imagem ‘atrativa’ de si mesmos, especialmente nas redes sociais para serem notados e contratados por cachês que são constantemente negociados (entre artista e contratante) para um menor valor, tendo, portanto, seu trabalho desvalorizado.

Os estudos acerca do trabalho do artista ainda estão caminhando lentamente em termos de produções acadêmicas, como pôde ser verificado em trabalhos como Segnini (2007), Alvarenga (2013), Cerqueira (2015), França (2017), Feitosa (2010), Assis e Macêdo (2010) e Lage e Barros (2017). Dentre estes estão dissertações, teses e artigos científicos, sendo que seis são da área da Psicologia e os outros incluem: Direito, Medicina, Ciências Sociais e Administração Pública. Com base nesses estudos foram levantadas algumas questões norteadoras: Como se dá a dinâmica de prazer e sofrimento neste trabalho? Que lugar esse trabalhador ocupa e gostaria de ocupar? De que forma comparece a retribuição simbólica do trabalho desse sujeito, frente a uma sociedade que não confere à profissão um status de trabalho?

O presente estudo foi embasado no referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvido pelo psiquiatra e psicanalista Christophe Dejours no século XX, frente à um cenário histórico de demandas de trabalhadores de diversas categorias profissionais em luta por melhores condições de trabalho e de saúde (FERREIRA; MENDES, 2003). A Psicodinâmica do Trabalho tem como objeto:

[...] o estudo das relações dinâmicas entre a organização do trabalho e os processos de subjetivação que se manifestam nas vivências de prazer-sofrimento, nas estratégias de ação para mediar contradições da organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento. (MENDES, 2007, p. 30)

Inicialmente preocupada com as crescentes manifestações de psicopatologias relacionadas à organização do trabalho, a Psicodinâmica do Trabalho desenvolveu diversas pesquisas nesse sentido, passando em seguida a articular outros conceitos que também contribuem para a compreensão do binômio saúde-doença do trabalhador, tais como o reconhecimento e o sentido no trabalho e a dinâmica de prazer-sofrimento, inerente a

qualquer âmbito laboral. A compreensão do trabalho para esta abordagem é sempre dialética. O sujeito trabalhador atribui um sentido ao seu trabalho, e essa atribuição é também oriunda do social, do mesmo modo que as situações de trabalho vão dar o tom à visão que esse trabalhador terá de si e do seu trabalho, culminando na configuração de sua subjetividade.

Com a intenção de formular um entendimento acerca do trabalho dos músicos que leve em consideração esta classe enquanto uma profissão, independente de um vínculo formal de emprego, e compreendendo que o trabalhador é, antes de tudo, um sujeito imerso em sociedade, com poder de ação sobre e no trabalho, também foi utilizado como referência teórica algumas contribuições da Psicossociologia do Trabalho.

A Psicossociologia se desenvolveu inicialmente através de produções teóricas e intervenções relacionadas às formações grupais, assumindo alguns objetos de estudo, tais como os conflitos de poder, modelos autoritários e democráticos de gestão, marginalidade social, sofrimento, saúde e adoecimento no trabalho (ARAÚJO, 2013). A Psicossociologia do Trabalho, em consonância aos pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho, entende que o trabalho não pode ser concebido de modo desvinculado das outras atividades humanas individuais ou coletivas, e que “[...] tudo o que leva a desarticular o trabalho dessas atividades contribui para sua desumanização” (LHUILIER, 2014, p. 6).

O referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho foi situado na discussão das categorias abordadas, quais sejam, a dinâmica prazer-sofrimento, o sentido do trabalho, o reconhecimento no trabalho e as estratégias de mediação. Diante da escassez de pesquisas em Psicologia acerca do trabalho de profissionais da música, aliado ao recorte feito à cidade de São Luís, a pesquisa de campo se colocou como uma ação essencial e uma possibilidade real de investigação dessa classe trabalhadora, que é completamente atravessada pela relação entre trabalho, afetividade e subjetividade, uma vez que há um sentido no fazer dessa atividade que vai muito além de um retorno financeiro.

Desse modo, a realização de entrevistas com os profissionais da música inseridos no contexto ludovicense se fez extremamente necessária para melhor compreensão do seu cotidiano laboral e, a partir disso, entender de que forma o prazer e o sofrimento coabitam no exercício do trabalho, e como o sentido e o significado deste está presente em suas vidas.

A coleta dos dados foi realizada através de um roteiro de entrevista semiestruturada construído pela pesquisadora com questões direcionadas à investigação das categorias teóricas da Psicodinâmica do Trabalho a serem discutidas. A entrevista semiestruturada, de acordo com Minayo (2009), possui a vantagem de manter um encadeamento de perguntas fechadas, dando margem tanto ao entrevistador, para não ficar

preso ao questionamento inicial, quanto ao entrevistado, para poder falar livremente sobre alguma questão que considere relevante e que não foi contemplada.

As entrevistas foram realizadas conforme a disponibilidade, tanto de local quanto de horário, dos participantes e da pesquisadora, de modo que foi feito um contato inicial por meio de redes sociais (em geral, *Instagram* ou *WhatsApp*) para esclarecer os objetivos da pesquisa e a importância da participação de cada um como forma de contribuição ao estudo. As entrevistas foram feitas individualmente. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em Apêndice) para análise e autorização da entrevista, no intuito de cumprir com as considerações éticas em pesquisas com seres humanos. Desse modo, os participantes foram devidamente informados que seus dados seriam preservados, seus nomes substituídos por nomes fictícios e porventura, se houvesse em suas falas alguma informação que os revelasse, esta também poderia ser alterada.

Apesar da riqueza de informações obtidas nas falas dos entrevistados, Minayo (2009) ressalta a importância da observação no trabalho de campo na pesquisa qualitativa e aponta que:

[...] pelo fato de captar formalmente a fala sobre determinado tema, a entrevista, quando analisada, precisa incorporar o contexto de sua produção e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada por informações provenientes de observação participante. Desta forma, além da fala, que é seu material primordial, o investigador qualitativista terá em mãos elementos de relações, práticas, cumplicidades, omissões e imponderáveis que pontuam o cotidiano (MINAYO, 2009, p. 66).

Deste modo, com o objetivo de ampliar o olhar sobre o fenômeno do trabalho dos músicos, outra forma de coletar os dados foi a observação assistemática, na qual segundo Boni e Quaresma (2005, p. 71) o pesquisador “[...] procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle”. A ida ao ambiente de trabalho dos músicos foi um processo que enriqueceu a presente pesquisa, uma vez que o próprio fato de eles não possuírem um ambiente de trabalho fixo já é um elemento a ser considerado, pois implica em um constante rearranjo da inteligência prática desses profissionais na hora de montarem a estrutura dos seus *shows* (plugar instrumentos, “passagem do som”, organizar a localização levando em consideração variáveis como o vento, os convidados/clientes/público, a decoração do evento, entre outros).

Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizou-se a metodologia da Análise de Discurso Crítica (ADC) trabalhada por Fairclough (2001), que compreende a estrutura do discurso em uma perspectiva dialética, ao considerar o discurso, por um lado, moldado por uma estrutura social, e por outro, constitutivo da estrutura social. A ADC “parte do pressuposto que em todo discurso há um sentido oculto que pode ser captado [...]. O foco de interesse é a construção de procedimentos capazes de transportar o olhar-leitor a compreensões menos óbvias, mais profundas através da desconstrução do literal, do imediato” (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p.97), concebendo a linguagem, portanto, como um reflexo das práticas sociais.

Foram entrevistados 07 profissionais, de modo que a escolha dos participantes foi feita por conveniência, com base em indicações de outros músicos e de pessoas que tinham alguma proximidade, bem como na investigação em redes sociais de sujeitos que correspondiam aos critérios escolhidos. Foram compreendidos, portanto, músicos que residem em São Luís atualmente, sendo considerados como *profissionais* aqueles que tiram seu sustento de performances em eventos de médio ou grande porte, ou seja, a realização de apresentações em bares, casas de *shows*, festas de formatura, bailes e festas populares anuais (Carnaval, São João, *Réveillon* etc.), de acordo com os relatos dos entrevistados.

Vale ressaltar que o termo “profissional” foi utilizado por ser comumente presente nas literaturas pertinentes consultadas, no entanto nenhum dos entrevistados possui a carteira profissional de músico, visto que não há obrigatoriedade de tê-la para a execução do trabalho.

Os músicos que se apresentam em eventos de pequeno porte nos quais não são remunerados (apresentações em Igrejas, por exemplo), ou que exercem atividades exclusivas como professor, compositor, arranjador etc., que não envolvam performance em *shows* não foram considerados aqui. Além disso, alguns músicos nascidos em São Luís optaram por buscar oportunidades de trabalho em outros estados, e muito embora ainda façam apresentações esporádicas na cidade, estes também não participaram da pesquisa.

Tabela 1 – Dados dos músicos

Nome	Idade	Escolaridade	Gênero	Tempo	Outro vínculo
<b>Walter</b>	31 anos	Sup. Inc.	M	14 anos	Sim
<b>Paulo</b> <b>César</b>	50 anos	Técnico	M	25 anos	Sim
<b>Luís</b> <b>Maurício</b>	47 anos	Ens. Méd.	M	30 anos	Não



<b>George</b>	23 anos	Sup. Inc.	M	7 anos	Sim
<b>Antônio Carlos</b>	48 anos	Sup. Comp.	M	30 anos	Sim
<b>Rafaela</b>	34 anos	Sup. Inc.	F	8 anos	Sim
<b>Maria da Graça</b>	42 anos	Sup. Inc.	F	20 anos	Não

Fonte: Autoria própria (2018)

Nota: Todos os nomes são fictícios

Um dado relevante a ser ressaltado foi a extrema dificuldade da pesquisadora em conseguir marcar os encontros com esses profissionais, que possuem uma rotina de trabalho bastante acelerada e incerta, no sentido de não existir, na maioria das vezes, uma rotina muito bem definida.

Foi percebido que seus compromissos estão passíveis de mudança a qualquer momento, conforme as demandas vão surgindo. Os músicos que não puderam atender às entrevistas e cancelaram de última hora, justificaram que estavam constantemente sendo chamados “de uma hora para outra” para tocar, ensaiar ou estavam sem tempo devido aos seus compromissos com os outros vínculos de emprego que mantinham fora da música.

Os participantes da pesquisa foram solícitos em responder a todas as perguntas, porém em alguns momentos apresentaram dificuldade em falar mais abertamente sobre aspectos da vida pessoal, tais como saúde, família e relacionamentos. Dos 7 entrevistados, havia apenas 2 mulheres, no entanto foram feitos vários contatos com outras 3 mulheres que não puderam comparecer nos dias combinados. Embora os motivos dos cancelamentos não tenham sido bem esclarecidos, diferente das entrevistadas, as mulheres que não compareceram possuem filhos, o que pode ser um dado relevante ao se pensar que possivelmente elas têm uma jornada tripla de trabalho, pois trabalham como musicistas, têm um vínculo empregatício, além da lida diária como mães.

As idades dos entrevistados e seus tempos de trabalho remunerado refletem que todos iniciaram muito cedo suas carreiras, o que confirma o relato de pelo menos 5 deles, que rememoram a sua relação com a música como tendo início desde a infância. Apenas um dos entrevistados possui uma graduação, apesar de nunca tê-la exercido. Todos os 4 participantes que possuem o ensino superior incompleto estão atualmente matriculados em seus cursos, sendo que três cursam Música e uma cursa Engenharia de Produção.

Somente dois participantes exercem integralmente a atividade como músico profissional performático – que realiza *shows* – e sendo remunerado; os outros atuam também como: professores em escolas de música particular (02) e do município (01); dono de uma casa de festas e comerciante de equipamentos musicais; e técnica-administrativa em um órgão público estadual. Percebeu-se que a busca por outras atividades que pudessem complementar

a renda desses profissionais foi imperativa, no entanto, à exceção de uma das entrevistadas, todos os outros puderam se inserir em empregos nos quais estão diretamente envolvidos com a sua área de afinidade, a música.

Este estudo foi organizado nos seguintes temas: no capítulo 2 foi traçado um breve percurso histórico do entendimento dos conceitos de trabalho e as transformações nos modos de produção ao longo do tempo; o capítulo 3 foi reservado para caracterizar a figura do músico enquanto trabalhador e a percepção social em relação a este profissional; já no quarto capítulo, o referencial da Psicodinâmica do Trabalho foi destrinchado em suas principais categorias analíticas e estas foram articuladas com os elementos trazidos nas entrevistas. Por fim, as considerações finais acerca da dinâmica pesquisa-ação e teoria.

## 2 MUNDO DO TRABALHO: metabolismo sócio-histórico dos conceitos

O trabalho é o elemento fundante do ser social, é o ponto de partida da humanização (NAVARRO; PADILHA, 2007). Partindo de uma perspectiva psico-sócio-histórica a uma visão ontológica, Enriquez (2014) levanta o questionamento acerca do trabalho enquanto essência do homem. O autor, ao discutir a *ação sobre o mundo* e suas manifestações, apresenta os conceitos de *práxis* e *poiésis*, sendo a primeira, o exercício prático da própria atividade, visa emancipação e autonomia, e manifesta a identidade de quem age; e a outra, exterior ao humano, se exprime na produção de objetos e ferramentas, no uso da técnica (meios e métodos para um fim) e revela-se na atividade criadora – escrita, música, pintura.

Do mesmo modo, Albornoz (1986) situa a *práxis* como o terreno formador da ética dos sujeitos, uma vez que ao se colocarem ativamente perante a sociedade, o debate na *pólis* efetivava os seus negócios, pois era esta atividade que os inseria no social e os tirava do ócio. Tal concepção foi advinda dos gregos, que consideravam que o trabalho humano se dava no contexto cultural, tendo como seu instrumento a palavra [o discurso].

Magalhães (1985), ao realizar uma leitura crítica da noção arendtiana do trabalho, expõe três atividades fundamentais e as três condições humanas que as correspondem, quais sejam: o trabalho (*labor*), atrelado à sobrevivência e à satisfação das necessidades básicas; a obra/fabricação (*work*), produção de um mundo artificial, com fins não propriamente biológicos; e a ação (*action*), “[...] corresponde à condição humana da pluralidade, de toda vida política que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação de objetos” (MAGALHÃES, 1985, p. 4).

O trabalho é uma categoria amplamente estudada até os dias atuais porque é um elemento essencial à vida em sociedade. Embora nunca tenha havido um momento em que o trabalho não estivesse presente, em outros períodos históricos o trabalhar não fora considerado algo nobre e até digno de ser realizado, tendo sido por muito tempo uma atividade sumariamente desempenhada pelas classes sócio-econômicas consideradas mais inferiores.

Pode-se afirmar que um marco na história do trabalho se deu a partir do século XVI, com o Calvinismo, quando a noção de trabalho foi aliada a um viés religioso, na qual o homem trabalhador foi considerado digno da salvação divina, de modo que era preciso “[...] trabalhar do modo mais árduo possível, durante o máximo de horas, para se ganhar o máximo de dinheiro” (FERREIRA, 2000, p. 2). Com a disseminação destas ideias, surgem os primeiros traços do chamado “espírito capitalista”, dando início a um cenário crucial de

mudança nos paradigmas sociais que visualizavam até então o esforço do labor enquanto *tripalium* [tortura]. Passou-se a ter, portanto, uma valorização do homem pelo trabalho e do trabalho pelo lucro, o que nos dias atuais se ressignifica no trabalho como mercadoria (ANTUNES, 2005). O capitalismo se embrenhou nas teias sociais dando um novo lugar e um novo sentido ao trabalho.

É ainda no contexto de sua análise da produção capitalista que ele [Marx] estabelece a distinção entre *trabalho geral abstrato*, trabalho que põe o *valor de troca* (uma forma especificamente *social* do trabalho) e trabalho enquanto produtor de *valores de uso*, ou seja, o trabalho enquanto atividade *útil* que visa, de uma forma ou de outra, apropriação das matérias naturais. (MAGALHÃES, 1985, p. 13, grifos da autora).

Segundo Magalhães (1985), a concepção marxiana do trabalho – sendo esta até os dias presentes a base teórica de referências e críticas reconhecida e discutida mundialmente – elege novos sentidos a partir da chamada Teoria do Valor do Trabalho, que faz a distinção entre o trabalho que cria coisas socialmente úteis, com as quais o trabalhador se identifica e se realiza (trabalho concreto) e o trabalho estranhado, sem sentido, no qual o trabalhador está meramente vendendo sua força de trabalho em troca do dinheiro, sem compreender o que faz ou por que o faz (trabalho abstrato).

Enriquez (2014) sinaliza como condição para o trabalho não alienado a importância de se fazer uma distinção entre atividade, trabalho assalariado e emprego. Enquanto a atividade assume uma função utilitária, o trabalho assalariado permite a iniciativa e o uso da criatividade, já o emprego é enquadrado por normas e regras, onde se busca a sobrevivência biológica e social. Pensar nessa divisão é essencial, pois implica em reconhecer que o mundo do trabalho não possui uma configuração homogeneizada.

Ao se pensar em uma análise mais ampliada da classe trabalhadora, Antunes (2009) propõe o termo “classe-que-vive-do-trabalho” para validar as formas de trabalho que subsistem independente do que este autor denomina de “sociedade salarial”. Logo, entende-se que o trabalho é uma categoria central, – que se manifesta no desemprego, no assalariamento informal e no voluntariado, por exemplo – não podendo ser reduzida ao patamar do *emprego*, que se configura exclusivamente como um vínculo assalariado formal.

Resumindo, é conveniente afirmar a centralidade do trabalho a partir da concepção marxiana que considera o trabalho como categoria fundamental ao instituir o homem enquanto ser social, mesmo no contexto de metabolismo social do capital na sua forma assalariada e estranhada. Portanto, o trabalho continua tendo a sua centralidade porque é lugar de interação social, de convivências, cooperações e construção de identidades. (FREITAS, 2013, p. 80)

O trabalho é fonte de experiência psicossocial, possui caráter plural e polissêmico (NAVARRO; PADILHA, 2007), ocupando significativamente tempo e espaço no

desenvolvimento humano. É comum que desde a infância as crianças sejam questionadas sobre o que querem ser quando crescerem, e normalmente as respostas se baseiam no que elas ouvem e veem de exemplos familiares. Ao crescerem, no período em que escolhem adentrar em uma faculdade, as escolhas são geralmente baseadas em afinidades com as disciplinas escolares, ou com base no que a família sugere (ou até mesmo impõe) que seja a melhor opção. É notório o lugar que o trabalho enquanto função social ocupa durante a vida do sujeito, visto que desde muito cedo há uma preparação para a sua inserção no mercado.

Nesse sentido, pode-se dizer que o papel do trabalho na constituição do sujeito e na determinação do lugar que este irá ocupar em sociedade envolve expectativas subjetivas e familiares, o que por muitas vezes pode lhe causar angústia e confusão (SOARES-LUCCHIARI, 1993). A família costuma pesar a balança para o lado financeiro, transferindo desejos e idealizações ao jovem, o que pode fazer com que a sua escolha se confunda com os projetos familiares. Bardagi e Hutz (2008) afirmam que o medo de frustrar as expectativas da família causa ansiedade e isto pode ser problemático em termos psicológicos para o futuro da carreira profissional de um indivíduo que realizará um trabalho no qual não há identificação pessoal, realização de si – onde não há sentido.

Navarro e Padilha (2007) alegam que trabalho e profissão são senhas de identidade, onde os indivíduos ancoram sua existência. Desse modo, a escolha por qual profissão seguir é um momento importante na vida do sujeito, pois é um período de transição tanto em uma fase do seu desenvolvimento – da adolescência para a vida adulta – como em uma inserção no social, nas relações de trabalho, no cotidiano laboral, que envolve o contato com outros tipos de ambientes e de pessoas, onde os desejos e expectativas do indivíduo estarão de frente com o mundo do trabalho que eventualmente o levará a vivenciar fracassos, decepções e desamparo, é o confronto com o real do trabalho (FERREIRA; MACÊDO; MARTINS, 2015).

O trabalho pode ser entendido enquanto relação social (tipicamente salarial), vínculo empregatício, ou ainda como atividade de produção social. O olhar diferenciado da Psicodinâmica do Trabalho está na compreensão do próprio ato de trabalhar: um modo de engajamento que envolve os gestos, o saber-fazer, o corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, o poder de sentir, de criar (DEJOURS, 2004).

Silva (2017), do mesmo modo, aponta que o exercício do papel social do trabalhador vai delineando na vida do sujeito uma série de elementos que se manifestam em seu discurso, nas suas vestimentas, em suas relações e comportamentos. Significa dizer que o trabalho não pode ser reduzido a algo meramente compreensível pela via do social, nem

tampouco por um viés inteiramente individual, mas enquanto um fenômeno relacional de constante engajamento do sujeito em embate com o seu ambiente laboral.

O trabalho está na base da constituição do sujeito e é indissociável de uma teoria da sociedade (DEJOURS, 2011; LHUILIER, 2014); é uma categoria amplamente discutida pelas teorias sociais, sendo compreendido enquanto lugar de interação social e de cooperação. Dejours (2011) afirma que o trabalho ocupa lugar central na vida em sociedade e isto se dá na construção da identidade, na realização de si mesmo e na dinâmica incessante de saúde/descompensação mental, advinda da organização do trabalho.

Desse modo, pode-se afirmar que o trabalho é também um espaço de (des) construção de identidade, pois ao trabalhar, o sujeito está de alguma forma dando a sua contribuição, a sua força, deixando a sua marca. É uma dialética que se coloca, na qual o trabalho é fator de emancipação e fator de adoecimento – daí a psico-dinâmica, uma vez que se trata de um equilíbrio psíquico que é instável e jamais pleno (DEJOURS, 2011), devido ao confronto do sujeito com a organização do trabalho e suas contradições e imprevistos.

## **2.1 As mudanças no mundo do trabalho**

Diante das diferentes concepções de trabalho ao longo dos anos, pode-se inferir que a diversidade de entendimentos advém não somente da pluralidade de áreas, mas também da temporalidade em que cada saber foi construído. O mundo do trabalho atravessou muitas fases e faces, sendo uma categoria extremamente complexa de ser estudada isoladamente, por este motivo, faz-se necessária a compreensão da tessitura dos contextos e mudanças sociais.

Nos dias de hoje as organizações oferecem ao trabalhador um ambiente muito menos insalubre e penoso se comparado com as grandes fábricas de montagem, com toda a rigidez e monotonia laboral transformada em flexibilidade de horários, autonomia e possibilidades de progressão na carreira. Contudo o sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett acredita que estas melhorias são meramente ilusórias e afirma: “A expressão ‘capitalismo flexível’ descreve hoje um sistema que é mais uma variação sobre um velho tema” (SENNETT, 2011, p. 9). A flexibilidade oferecida ao trabalhador no que tange as suas condições de trabalho não necessariamente elimina as adversidades oriundas da organização do trabalho, visto que essas sempre existirão. No entanto, podem ser sombreadas ou abrandadas através de mecanismos de dominação que mantenham as aparências de uma produtividade livre e autônoma.

Para Antunes (2005) há uma “nova” morfologia da classe trabalhadora que se coloca como inovadora e moderna, entretanto trata-se de uma remoldagem mais complexa,

heterogênea e até mesmo sutil dos modos de produção em comparação aos modelos taylorista, fordista e toyotista. A captura da subjetividade do trabalhador em detrimento dos seus corpos físicos é mais útil aos grandes empresários, que são a personificação do próprio capital (ANTUNES, 2005), sendo-lhes mais rentável a captura do sujeito através de ações corporativas com objetivos adaptativos em função do produtivismo, segundo Ferreira (2011) considerado meramente um “ofurô corporativo”.

É inegável que o mundo do trabalho está em constante processo de metamorfose, isto tem sido verificado em diversos aspectos. Processos e produtos estão cambiando, os meios tecnológicos têm grande papel nessas mudanças. A forma de coleta de grãos não é mais a mesma para os produtores agrônomos, bem como o alimento que chega hoje aos comércios mudou de uns anos para cá. Além disso, os atores sociais envolvidos no mundo do trabalho estão inseridos nos mais diversos ambientes laborais, que também foram flexibilizados. Estão nas fábricas, nos escritórios, mas também já podem atuar em casa, nas ruas, nos meios virtuais – aqui a flexibilidade é tida como algo positivo para o trabalhador, pois permite facilidade para executar suas tarefas.

Tal flexibilização, tão cara ao capitalismo, permitiu uma versatilidade ao mundo do trabalho que passou a configurar-se em essência enquanto efêmero, exigindo do sujeito trabalhador que ele seja um verdadeiro camaleão, devendo então adaptar-se constantemente às necessidades vitais do capital, transformar-se diante do que lhe é imposto, precisa dançar – e tocar – conforme a música. Por vezes essa lógica perversa se faz perceber em um discurso social de banalização do medo, da insegurança e da competição pelo emprego (DEJOURS, 2007; SILVA, 2017).

Não obstante o cenário de drásticas mudanças econômicas em nível internacional, as repercussões na economia brasileira foram notórias, especialmente no que concerne ao exponencial crescimento do desemprego e dos trabalhos informais, exercidos especialmente por trabalhadores autônomos que não têm possibilidades de abrir e manter seu negócio próprio com todos os impostos que o Governo retém.

Embora alguns trabalhadores possam sem dúvida beneficiar-se com isso, as assimetrias em termos de acesso a informações e ao poder que surge, às quais se associa a carência de livre e fácil mobilidade do trabalho, deixam o trabalhador em desvantagem. [...] **O resultado geral se traduz em baixos salários, crescente insegurança no emprego e, em muitos casos, perdas de benefícios e de proteções ao trabalho** [...] dado o violento ataque a todas as formas de organização do trabalho e aos direitos do trabalhador. (HARVEY, 2008, p. 86, grifo nosso)

A aposta em investimentos no mercado é menos arriscada para as classes que já detêm capital e influência para constituir negócios, ao contrário de pequenos empresários (autônomos), que ainda precisam lutar por um espaço, além da insegurança

econômica em aplicar o seu dinheiro. Frente a tantas incertezas e à burocracia de investir em um negócio dentro da legalidade, muitas vezes a “saída” é aderir ao trabalho informal, realizando pequenos investimentos sem pagar as taxas ao Governo e salários fixos aos funcionários.

## **2.2 A informalidade do trabalho: uma solução econômica**

No Brasil, a partir da década de 90, houve um notório aumento de pesquisas relacionadas ao trabalho, tratando desta categoria como um dos elementos centrais na constituição da subjetividade humana (RIBEIRO, 2013). A Psicologia do Trabalho elabora uma nova concepção de trabalhador – distinta da Psicologia Organizacional – e sinaliza uma preocupação com a saúde e bem estar deste, pensando-o não somente inserido nas organizações, mas também no desemprego, na aposentadoria e nos vínculos informais de trabalho.

Devido o caráter dos vínculos de remuneração do trabalho estabelecidos pelos participantes desse estudo, faz-se necessário discorrer brevemente acerca da distinção entre o que se chama de trabalho formal ou informal de acordo com as literaturas pesquisadas.

Após breve pesquisa em uma plataforma eletrônica contendo a sentença “trabalho formal x informal”, foram obtidos cerca de três milhões de resultados, que variavam desde artigos acadêmicos a reportagens em jornais eletrônicos e *blogs* que discutiam a versatilidade e os benefícios da informalidade, bem como a tendência econômica do mercado em caminhar neste sentido, devido às múltiplas vantagens que o trabalhador teria em optar por essa forma de ocupação. Percebe-se que há uma intenção, conforme exposto no tópico anterior, de mascarar o que é fatalmente brutal e desestabilizador economicamente ao sujeito enquanto uma oportunidade imperdível de “vestir a camisa” de empresas que apresentam produtos e ideias inovadoras. No entanto, sabe-se também que sob a égide desse discurso encorajador há uma sujeição do trabalhador disfarçada em subcontratações que reduzem suas garantias trabalhistas, tais como licença-maternidade e férias.

Segundo Mendes e Morrone (2003), o entendimento da atividade informal foi por muito tempo analisado a partir de um olhar que apenas contemplava algumas modalidades de trabalho, tais como empresas familiares e pequenos prestadores de serviços, como vendedores ambulantes e trabalhadores domésticos. Vale ressaltar que, diante da complexidade da própria categoria trabalho e suas extensas dimensões, é preciso figurar o fenômeno da informalidade a partir de uma visão sistêmica, que leve em consideração os mecanismos econômicos e a lógica social existente.



A atividade informal é vista como uma unidade produtiva, resultado da descentralização e da reorganização dos processos de produção, fruto da globalização econômica e da busca, por parte das empresas, de maior produtividade e minimização de custos, minimização esta responsável, dentre outras coisas, pela redução de mão-de-obra. Abarcando uma grande diversidade produtiva, a atividade informal combina formalidade e informalidade; permeia relações complexas no seu interior e com a economia formal, chegando a estabelecer uma relação de concorrência, quando não combina formalidade e informalidade em uma mesma atividade. (MORRONE; MENDES, 2003, p. 95).

A partir do abandono dessa microvisão do fenômeno da informalidade é possível compreender que se trata de uma prática social que perpassa inevitavelmente toda a economia. Ampliando a discussão para o momento atual vivido no Brasil e no mundo, com as constantes mudanças na configuração do mercado de trabalho, pode-se pensar também na informalidade dos vínculos enquanto uma prática cultural, dada a preferência por rapidez, efemeridade e novidades das gerações Y e Z.

Pensar numa fluidez cultural em termos de novos modos de condução das práticas organizacionais e do trabalho remete ao pensamento baumaniano, que corrobora com a ideia de que a racionalidade instrumental e a consecução da mais-valia reforça a precarização das condições de trabalho, a desumanização das relações, a migração da socialização para a individualização, o que coloca em xeque a possibilidade de uso da autonomia e inteligência crítica por parte do trabalhador (BAUMAN, 2001).

A precarização do trabalho é um fenômeno que deve, portanto, ser compreendido a partir de uma visão panorâmica, que atravessa todas as relações de trabalho atualmente, mas que reflete toda uma conjuntura social. Segundo Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010) a precarização do trabalho também repercute em uma precarização social.

Esse processo confirma a nova configuração do trabalho precário como a tônica do mercado de trabalho. Está presente tanto nos setores mais dinâmicos e modernos do país, nas indústrias de ponta, como nas formas mais tradicionais do trabalho informal, por conta própria, autônomo. Entende-se a precarização como um processo social que instabiliza e cria uma permanente insegurança e volatilidade no trabalho, fragilizando os vínculos e impondo perdas dos mais variados tipos (de direitos, do emprego, da saúde e da vida) para todos os que vivem do trabalho. (FRANCO; DRUCK; SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 237)

Ao discutir a precariedade do trabalho no Brasil, Druck (2013) refere-se a uma categoria de indivíduos denominados os “sem-empregos”, que seriam os desempregados e os trabalhadores informais. Já Antunes (2009) chama de *subproletarização* ou *precarização* do trabalho a intensificação em escala mundial, sobretudo em países do Terceiro Mundo, dos vínculos cada vez mais fragilizados e cambiados em forma de subcontratações, como terceirizações, *part time jobs* e o trabalho informal. Com a classe trabalhadora tão

fragmentada, é pertinente destacar o potencial enfraquecimento dos coletivos de trabalho, uma vez que o individualismo e a competitividade tornam-se valores a serem cultivados.

Vale ressaltar que se está chamando a atenção aqui para a crescente onda do trabalho informal devido ao aumento do desemprego estrutural, visto que esta modalidade já ocorre à revelia do mercado de trabalho formal – especialmente ao se tratar do público-alvo da presente pesquisa, que majoritariamente possui esse tipo de vinculação por conta de outros fatores característicos do seu ramo.

A escassez de produções teóricas no campo do saber psicológico acerca do trabalho do artista no Brasil reflete a concepção social de que o trabalho assalariado informal, que por sua vez não está perfilado às organizações de trabalho, não é do interesse acadêmico e até mesmo profissional dos psicólogos. Há um olhar elitizado que insiste em reconhecer apenas as manifestações de trabalho formal consolidadas no mercado, não levando em consideração uma “classe-que-vive-do-trabalho”: aqueles profissionais que estão à margem do rol de celetistas. Tendo em vista o atual cenário político-econômico brasileiro, com a crescente expansão do desemprego estrutural e da denominada economia informal é preciso repensar novas práticas da Psicologia.

A formação integral do psicólogo do trabalho, relegada a um segundo plano pelos currículos dos cursos de Psicologia, que privilegiam a clínica em detrimento das demais habilitações do profissional, é fundamental para a constituição de uma prática capaz de lidar com problemas emergentes das mudanças nas relações entre o capital e o trabalho, impostas pela nova conjuntura econômico-social. (SAMPAIO, 2013, p. 20)

Desse modo, o baixo índice de estudos em Psicologia sobre o trabalho do artista, aqui mais especificamente sobre os músicos, apenas compactua com a ideia do senso comum de que a atividade de músico é um hobby, um entretenimento ou até mesmo está ligada à incapacidade de adquirir um bom emprego formal, percepção esta que é a mais comumente aceita para a sociedade capitalista – tais concepções foram mencionadas por alguns dos entrevistados e outros músicos não entrevistados durante conversas informais.

### 3 SUJEITO E TRABALHO: quem é o músico enquanto trabalhador?

*Na vida sou passageiro  
 Eu sou também motorista  
 Fui trocador motorneiro  
 Agora sou mensageiro  
 Além de paraquedista  
 Trejeito de batuqueiro  
 A veia de repentista  
 De dia sou cozinheiro  
 À noite sou massagista  
 No mais... vida de artista  
 (ASSUMPCÃO, 1998)*

As relações entre arte e trabalho remontam aos primórdios da existência humana. Proença (2009) afirma que o ser humano, seja de que época for, cria objetos não apenas para se servir deles, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida. Um exemplo disso são as chamadas pinturas rupestres encontradas no continente africano, que são consideradas as primeiras formas de arte e que ajudaram a entender um pouco da história dos nossos antepassados e da forma como viviam.

Proença (2009) também afirma que a arte não deve ser considerada um fato extraordinário dentro da cultura humana, mas vista como profundamente integrada à cultura e aos sentimentos de um povo. Até os dias de hoje percebe-se que há uma relação direta entre o que se produz artisticamente e o contexto sociocultural, uma vez que o sujeito-produtor é também produto do seu meio. Nesse sentido, é possível compreender que a arte enquanto produção humana é trabalho.

Artistas de diversas épocas nomearam seu processo de criação como trabalho, referindo-se tanto às suas produções ou obras, quanto ao processo de criação propriamente dito. O reconhecimento do trabalho artístico ganhou evidência especialmente a partir do Renascimento, quando o nome do artista passou a ser associado à sua criação. Até então, essa forma de trabalho tendia a ficar no anonimato, salvo algumas exceções. (FERREIRA; MENDES, 2012, p. 142)

Cerqueira (2015) corrobora com o pensamento de que a atividade artística, independentemente das suas especificidades, não se constitui como uma exceção ao mundo do trabalho, ao contrário, representa e reconfigura sua exterioridade. A música enquanto produção artística é uma manifestação estética, sendo uma forma de expressão das classes

sociais nas quais está sendo gestada (CZAJKA, 2013). É um produto cultural pertencente a um tempo/espço, que em contrapartida ultrapassa estas barreiras, podendo ser apreciada por gerações futuras e em qualquer lugar do mundo.

Porque a alma do homem, a magia da vida e a alegria de viver, enfim, tudo que se materializa pela boca do povo é transmitido através da música. Tudo é parte da manifestação musical, esta arte atemporal e plural que atua no consciente e inconsciente de cada um. (MURRAY, 2005, p. 105)

A música é possivelmente a forma de arte mais corriqueira de ser encontrada no dia a dia, devido ao fácil acesso que existe hodiernamente em ouvi-la nos canais de rádio, na televisão, no celular, em casas noturnas, barzinhos etc. Resguardadas as subjetividades de cada indivíduo, é bastante incomum que alguém não goste de nenhum estilo de música. Os gostos musicais são variados e em algum momento da vida as pessoas encontram na música um divertimento, lazer, passatempo, enquanto outras se identificam a ponto de ver a música como um “lugar” de fuga, refúgio, de sentido na vida.

Apesar de a música ocupar um lugar significativo na vida de muitas pessoas, o reconhecimento do músico na sociedade nem sempre tem o mesmo peso. França (2017) se utiliza da alegoria do bobo da corte para simbolizar o olhar social que se tem do músico – alguém que desempenha meramente uma função de entretenimento. De acordo com os músicos entrevistados há muitos preconceitos e estereótipos atrelados ao trabalho do músico e a sociedade ainda tem dificuldade de entender a categoria enquanto uma profissão.

*Quem me vê ali no palco a primeira vez “ah esse cara é maluco”, é, todo músico passa, **a gente tem o estereótipo**. Nos anos oitenta marcou muito, galera fumava maconha, era normal um cantor fumar maconha, era normal nas casas de show, então por isso que o músico é tido... as outras classes “ah o advogado nunca vai fumar maconha”. Lenda, todas as classes usam (risos). (LUÍS MAURÍCIO, grifo nosso)*

*Eu acho que a música por si só já tá ligada muito a esse entendimento de boemia, as pessoas olham pro músico e pensam que é boêmio. **As pessoas admiram, mas elas não consideram isso uma profissão**. “Mas você só faz isso?”. Eu larguei Direito, então as pessoas... parece bem irracional, mas são ossos do ofício, eu já me digladiei muito com isso, mas hoje eu lido de boa. (WALTER, grifo nosso)*

*Mas acredito que as pessoas veem a arte enquanto propício para o hobby, algo que não é trabalho, acho que tem uma questão visual ou comportamental que tu ainda pode ser identificado como “vagabundo”. Quando tu fala que é músico e a pessoa pergunta “mas tu trabalha com quê?”. (ANTÔNIO CARLOS)*

*Eu acho que ainda não percebe como profissão. Mas assim, que o meu trabalho é na noite, **eu sou só mais uma que tá lutando por uma graninha** e isso eu já ouvi de muita gente aqui, até da minha própria família. Então assim como a minha família pensa, é como pensa a sociedade. (MARIA DA GRAÇA, grifo nosso)*

*“Profissão?”, “Cantora”, “Cantora? Ah, legal”, mas rindo, um susto, “mas tu vive só da música?”. (RAFAELA)*

Os estereótipos dizem respeito a “[...] atributos que caracterizam membros de um determinado grupo ou de uma categoria social dada, são resultantes de processos de simplificação próprios ao pensamento do senso comum” (JODELET, 1999, p. 61). As falas selecionadas apontam para os principais estereótipos disseminados em sociedade relacionados aos músicos, de acordo com os resultados obtidos na presente pesquisa. Eles se referem ao envolvimento com substâncias químicas, geralmente álcool e outras drogas, à vida considerada de boemia dos artistas em geral, tidos como “vagabundos”, visto que não se enquadram no padrão de emprego, pois estão apenas “lutando por uma graninha” ao invés de possuírem uma profissão formal.

Vale ressaltar que o recorte feito refere-se aos artistas locais, não aos músicos consagrados no cenário nacional/mundial, que possuem prestígio e reconhecimento da sociedade. É possível que isto se dê devido ao fato que estes artistas vivem exclusivamente da música, sem depender de outros vínculos para se manter, além de terem obtido notório sucesso, pautado na venda de milhares de álbuns, DVDs entre outros.

### **3.1 O lugar social do músico**

Enriquez (2014) define que a arte é uma reconstrução do mundo, e os artistas, aqueles que buscam desviar dos modelos impostos, são inventores, improvisadores, ousados e capazes de transgredir. As atividades de criação artística são usualmente associadas a trabalhadores autônomos, livres, de grande prestígio social e status, que vivem libertos das amarras contratuais do trabalho formal e, portanto, levam uma vida de glamour (LAGE; BARROS, 2017).

Contudo foi verificado que aspectos como a predominância de ocupações temporárias, a fragilidade na regulamentação da profissão e na garantia de direitos trabalhistas, bem como a efemeridade do produto no mercado são elementos que configuram a realidade do mundo artístico (MENGER, 2005; SEGNINI, 2007).

O sociólogo francês Menger (2005) ocupou-se de realizar uma análise sociológica da arte na perspectiva da categoria trabalho em seu livro “Retrato do artista enquanto trabalhador: Metamorfoses do Capitalismo”. A questão central trata de investigar se o trabalho do artista está inscrito em uma esfera diferente dos princípios vulgares do mundo capitalista. Em convergência a este pensamento, Segnini (2016) afirma que o artista está inscrito nas relações presentes na lógica dos modos de produção capitalista e, portanto, nos seus constrangimentos, o que não corrobora com a visão idealizada socialmente de uma vida de *glamour* desses profissionais.

Coli (2006) aponta que há também uma idealização romântica do artista que é possuidor de uma vocação para a pintura, dança, canto etc. É comum ouvir que os músicos possuem o “dom da música”, como se o sujeito fosse portador de algum tipo de mecanismo sobrenatural que o inspira a compor, a tocar ou cantar. No entanto, especialmente aos músicos instrumentistas, não há nada de “milagroso” ou “celestial” que tenha contribuído para a sua aprendizagem, a não ser horas ininterruptas de prática, o que demanda disciplina e esforço, como endossa o entrevistado George:

*Eu acho que assim, o importante é você estudar e trabalhar. Trabalhar, porque nada é jogado, nada é tipo assim “ah, ele é um gênio, porque ele tem o dom”, não, isso não existe, esquece isso, é trabalho, realmente é trabalho. Você ta compondo uma música, você tem que trabalhar todo dia nisso, em composição, você tem que compor todo dia. Se você quer virar um virtuose, você tem que estudar todo dia, então é trabalho, essa ideia que o pessoal acha que música não é trabalho, que música é hobby, que é entretenimento, não é verdade. A gente ta trabalhando o tempo todo, seja ouvindo música, seja estudando, seja praticando. [Música] É uma linguagem, qualquer um pode aprender. É muita hora de prática. (GEORGE, grifo nosso)*

Trabalhar com música é investir muito tempo de estudo e de prática repetitiva, que geram dores musculares, no intuito de aprender quiçá uma música. Por detrás do palco do mero entretenimento escondem-se aspectos reais de um trabalho humano que não é mensurado, nos anos de estudo, dedicação, esforço físico e investimento financeiro. Nada disso é levado em conta pela sociedade, e vale ressaltar que tampouco esta é uma peculiaridade no trabalho do artista, visto que o mesmo acontece com outros profissionais que investem em anos de qualificação e têm seus esforços desvalorizados pela lógica excludente do capital.

Já foi discutido que o emprego é um vínculo formal atrelado a uma organização do trabalho, com a garantia de direitos trabalhistas, onde o sujeito precisa ser produtivo e alcançar metas e resultados satisfatórios. Sabe-se que o *status* do emprego é bastante valorizado, sobretudo em função do lugar central que o trabalho ocupa socialmente. Hirata (2005) afirma que há um não-reconhecimento na sociedade contemporânea do trabalho que não é diretamente produtivo e industrial. Nesse sentido, pode-se levantar um questionamento: o que é ser produtivo para a nossa sociedade? O músico pode ser considerado um profissional produtivo, uma vez que não integra uma organização do trabalho propriamente dita?

É por conta da valorização do trabalho formal que para grande parte da sociedade é difícil compreender por que o trabalho informal, ainda mais em sua modalidade autônoma, é uma ocupação como qualquer outra. Pode-se fazer uma breve comparação, à grosso modo, do trabalho do músico com o do fotógrafo. Trata-se de um trabalhador que precisa adquirir um instrumento de trabalho pelo qual precisa pagar – um instrumento caro; este profissional

oferece um produto cuja apreciação é de caráter subjetivo – a gosto do cliente; ele oferecerá um orçamento, que poderá ou não ser negociado. O músico investiu em um instrumento caro, a avaliação do seu trabalho perpassa por critérios subjetivos dos seus ouvintes e o valor que eles cobram quase sempre é “pechinchado” pelos contratantes, que dificilmente reconhecem que o músico despende de gastos para estar ali.

*Porque o investimento é muito alto sabe? Tipo, uma guitarra minha, eu tenho uma guitarra que vale vinte mil reais, uma pele de bateria, pra um baterista é super caro, corda de guitarra é muito caro, então você não vê um retorno financeiro. Você vai lá, faz um show, compra uma corda nova, um encordoamento elixir é, sei lá, uns cem reais, e tu vai lá no show e tu ganha cento e trinta, sendo que tu botou o encordoamento pro show. Então aqui é muito complicado ainda, **tem essa visão muito do entretenimento** e não se vê o outro lado da moeda, **pra eles artista é besteira mesmo.** (GEORGE, grifo nosso)*

*Achar que você tem a vida muito boa, porque você dorme a hora que quer, trabalha a hora que quer, mas não vê que pra comprar um instrumento, qualquer instrumento que seja, pro músico é caro. E a manutenção, que quase não tem aqui, a gente tem que mandar pra fora, então ao invés de mandar, a gente prefere comprar um novo. Porque aqui não tem, ainda não tem essa preocupação, essa questão voltada mesmo pro músico profissional. (MARIA DA GRAÇA)*

Os relatos indicam que há um desconhecimento da grande maioria das pessoas acerca do trabalho dos músicos, uma vez que só se admira o produto final, a sua apresentação, que só foi possível porque houve um investimento financeiro, que nem sempre é compensado com o valor pago pelo contratante. Visto que não há respaldo legal, sindical ou mesmo contratual (com raras exceções), assim como no caso citado do fotógrafo autônomo, é comum que o músico não seja considerado um profissional no sentido convencional do termo, como citou o entrevistado George: “*pra eles artista é besteira mesmo*”.

No entanto, ao analisar um serviço prestado por um advogado, um engenheiro ou um dentista, por exemplo, que normalmente estão inseridos em empresas com honorários pré-estabelecidos, percebe-se que os critérios de avaliação desses profissionais podem ser mensurados objetivamente. Sendo assim, eles podem ser considerados “produtivos” no que tange determinados parâmetros organizacionais, pois isso é valorizado em uma sociedade que preza por resultados concretos. Logo, percebe-se que está naturalizado o fato de que algumas profissões têm maior valor social que outras.

*É inegável que a sociedade percebe dessa forma, existe esse elencar de profissões, de status de profissões que implicam em mais respeito e às vezes em desrespeito por determinadas profissões, e a música ta entre essas que são desrespeitadas em alguns momentos. (WALTER)*

*Aí você tem que vestir a camisa de artista, porque a gente é muito vítima da sociedade em si, de como eles enxergam a profissão do músico, do artista, é muito desmerecido, muitas vezes até dentro da própria casa, da família, porque a família de fato é preparada tradicionalmente pra que os filhos busquem o melhor (PAULO CÉSAR)*

**A sociedade está sempre pronta para receber os engenheiros, os médicos ou os advogados, nunca os artistas.** Se um médico pendurar seu diploma em uma parede, entrar e sair rotineiramente pela porta de um consultório em que estiver afixada uma placa com seu nome e especialidade, ninguém dirá que ele não é um médico, seja ele bom ou mau profissional. Para o artista, um diploma e uma porta com seu nome nunca serão o suficiente. Seu reconhecimento dependerá sempre de critérios subjetivos. O que ele faz é artístico? O que é arte afinal? O próprio artista pode passar a vida fazendo-se essas perguntas. (RAMIL, 2016, grifo nosso)

Em entrevista publicada em uma revista eletrônica acerca do papel e imagem dos artistas em um momento de crise política no Brasil, o músico e escritor Vitor Ramil confirma a tendência social em desacreditar o trabalho artístico em detrimento de qualquer outro tipo de profissão considerada relevante para a sociedade, uma vez que os engenheiros, os médicos e os advogados são profissionais a serem respeitados, são as profissões culturalmente desejáveis:

*Então quando tu faz algo que é fruto da tua opção, do teu desejo, ser artista é um desejo. Eu não quero dizer que quem é médico não deseje, mas as pessoas dizem “seja médico”, **ninguém vai dizer “seja artista”**. Eu acredito que não dizem, eu disse pro meu filho (risos), mas não dizem. (ANTÔNIO CARLOS, grifo nosso)*

*Então, eu vim de uma família pobre, de uma família que ninguém tem curso superior, ninguém nem tinha casa própria, então havia um depósito de esperanças sobre aquilo, sobre “ah, meu filho vai ser o que ele quiser no Direito”, **então havia um depósito de esperança que eu quebrei**. Porque eu cheguei a entrar, cheguei a cursar, eu passei na federal acho que duas vezes, é um campo que eu gosto muito, mas eu não queria trabalhar naquilo, eu não queria exercer. (WALTER, grifo nosso)*

*Pra minha mãe aceitar eu tive que pegar um livro que tinha lá todas as profissões, aí tava lá o Direito, Psicologia, Medicina, Música – “mamãe ta aqui, olha, é um trabalho, deixa eu trabalhar”. É uma profissão, a música é uma coisa tão séria. (LUÍS MAURÍCIO)*

A família é um dos fatores que pesam na decisão em manter-se firme na luta diária que é trabalhar com música e tentar sobreviver disso. Percebe-se que algo que é culturalmente natural – a valorização da escolha por uma carreira profissional estável – perpassa os valores familiares, que quase sempre se chocam com o desejo do sujeito que opta por uma carreira não convencional, no caso a profissão de músico.

É sabido que algumas categorias sofrem com preconceitos mais do que outras por inúmeros fatores. O próprio psicólogo, por vezes, lida com críticas de profissionais de outras áreas frente a um contexto de atuação multidisciplinar, por exemplo. Entretanto a profissão do artista, para uma grande parcela da sociedade, nem mesmo chega a ser considerada uma profissão. Tal entendimento está tão naturalizado culturalmente que é comum que o próprio músico não se perceba enquanto um trabalhador, como a participante Rafaela, que ao falar de sua rotina, afirma: “trabalho à tarde, canto à noite”. Desse modo, considera que seu emprego



formal no período da tarde se configura enquanto um trabalho, um ofício, e a atividade musical, não.

### 3.2 “Trabalho à tarde, canto à noite”: o trabalho dos músicos profissionais

Trabalhar com música é trabalhar com expectativas, com sonhos que muitas vezes se desenham lá na infância do sujeito e o acompanham até a vida adulta; é admirar os artistas que estão consolidados no mercado musical, fazendo sucesso e almejar estar naquele lugar, alcançando públicos maiores, recebendo cachês mais justos; é buscar um reconhecimento do seu trabalho através dos mais diversos meios, financeiro, social e familiar.

No entanto, Dejours (2004) afirma que trabalhar consiste em fazer a experiência do real, o que implica em deparar-se com imprevistos, com o risco e com a experiência de fracasso. O atual cenário político-econômico brasileiro tem compactuado com uma precarização no mundo do trabalho, onde a insegurança salarial tem se agravado, a oferta de vínculos de trabalho estáveis está cada vez mais escassa, e é diante desse panorama que o sujeito deve buscar um equilíbrio psíquico para manter-se saudável e trabalhando.

Os novos modos de gestão da lógica produtivista obrigam o trabalhador a fazer uma espécie de gestão de si, da sua subjetividade, “[...] cobrando de si uma mobilização subjetiva necessária para realizarem suas tarefas” (SCHLINDWEIN, 2015, p. 176). Nesse sentido, o próprio indivíduo é chamado a comportar-se como empresário de sua própria carreira, uma vez que a necessidade de investir em sua imagem é muito grande, pois atualmente as redes sociais são a principal vitrine dos seus trabalhos. Cerqueira (2015) afirma que é demandada uma forte individualização da face do artista enquanto um empreendedor cultural.

*Ah você tem que correr atrás, correr atrás e ir divulgando através, hoje em dia, de mídia digital, social, Whatsapp, Instagram, Facebook e fazendo um bom trabalho, não tem muito pra onde correr não. Gravar material é importante também, gravar material, vídeo e tal. (GEORGE)*

*Aqui não é só uma questão de talento, além de tu ter muito esforço, aqui tem muito a questão de você ter que ficar meio que até se humilhando ou então babando as pessoas, tipo você vai no lugar dez vezes... [...] Mas o tempo todo tentando, botando vídeo, indo nos lugares, pedindo pra tocar, fazendo propaganda. [...] Lancei CD, fiz todos os programas de televisão daqui de São Luis e não sei o quê, investimento, aquela coisa toda. (RAFAELA)*

Assim é que os trabalhadores, ao serem confrontados com o real, precisam gerir diversos aspectos que perpassam sua atividade. Para tal, utiliza-se de si, de seu corpo, de seu intelecto e de suas aprendizagens e busca recriar o mundo, o meio onde vive e trabalha, de

acordo com seus valores, buscando certo equilíbrio entre o que lhe exigem e o que coloca de si (LAGE; BARROS, 2017, p. 90).

A busca incessante por um lugar ao sol acontece em quaisquer tipos de vínculos de trabalho. Nos moldes do emprego formal, os processos de recrutamento e seleção de pessoal muitas vezes exigem que os candidatos possuam experiência prévia em determinada área de atuação, o que nem sempre é possível, pois em geral tem-se uma ampla busca por emprego por parte dos jovens recém-formados que ainda não passaram pela experiência do mercado de trabalho. Contudo, foi verificado que essa exigência também é pertinente ao mercado da música, em certa medida. A entrevistada Maria da Graça relatou que, no intuito de divulgar seu trabalho, levou seu CD para tocar em uma rádio de São Luís e foi informada que por não ser conhecida na cidade, suas músicas não poderiam ser reproduzidas.

*E tem também aquela questão “não, mas eu não conheço ela, não conheço o artista”. Não precisa você conhecer, é músico, tá aqui o trabalho dele, dá uma oportunidade. É que nem a questão do emprego. **Como é que você vai me conhecer, no caso da rádio, se você não me dá a oportunidade de mostrar meu trabalho?** Isso acontece muito. A Secretaria de Cultura também é muito ‘barrista’, porque “ah eu não conheço o trabalho, nunca ouvi, não contrato”. Eu fiz projetos também pra botar na cultura, pra tocar no São João, não, não passa, porque nós não somos conhecidos, e isso vai ficando. (MARIA DA GRAÇA, grifo nosso)*

O não-reconhecimento passa a ser um ciclo vicioso para o músico, que precisa divulgar seu trabalho constantemente, contudo encontra barreiras para tanto. Ao passo que busca ser (re) conhecido, o próprio anonimato impede que sua voz seja ouvida. Embora as redes sociais tenham fortalecido a imagem de muitos artistas locais, ainda é mínimo o alcance das suas produções em relação à população de São Luís e isso também repercute na percepção que se tem do trabalho dos músicos ludovicenses.

A necessidade de correr atrás do pão de cada dia é algo muito presente no dia a dia do músico, que em sua grande maioria precisa aderir a outro vínculo de trabalho para garantir uma renda mensal maior, visto que a instabilidade das apresentações e dos cachês não lhes dá a segurança para pagar as contas ao fim do mês.

*Como eu só tinha visão pra música, música, música, eu nunca corri atrás de nada, sempre disse que era isso que eu queria, é disso que eu vou viver, **só que tem uma hora que a gente bate com a realidade**. E aí chegou a irmã da minha mãe pra mim e disse assim “minha filha, apareceu uma oportunidade de um trabalho assim, assado e eu pensei em ti, tu não quer ir lá?”, eu disse “quero”, “quer?”, eu disse “quero!”. Aí ela “não, porque eu só te vejo empenhada pra música”, eu disse “não, mas eu quero. Eu só não quero se for me atrapalhar na música”, aí ela disse “não, é à tarde”, “perfeito”. (RAFAELA, grifo nosso)*

*Eu sempre mantive a música e a minha profissão paralela. Eu trabalhei nessas empresas, Vale, trabalhei na Alumar, trabalhei na Mardisa. Aí teve um dia que eu chutei o balde. Mas já há 25 anos trabalhando paralelamente, botando atestado pra tocar, fugindo pra viajar, metia atestado, o supervisor brigava comigo. Mas eu chutei mesmo o balde e passei a trabalhar por conta própria mesmo, me virando*

*com música, porque eu também sou envolvido com sonorizações, com produções, faço projetos, a gente se reinventa, são exatamente 10 anos. (PAULO CÉSAR)*

Além disso, o artista precisa se reinventar profissionalmente devido a volatilidade neste meio artístico. Novas músicas são produzidas todos os dias e o músico precisa estar a par do que há de novo no mercado, visto que há uma cobrança dos contratantes e do público por repertórios atualizados. A instabilidade desse mercado também se dá na inconstância dos *shows*, que ocorrem por temporadas, ou seja, em algumas épocas surgem muitos trabalhos, como nos meses de férias ou de festividades culturais anuais, já em outras os músicos passam por um período de “seca” e precisam correr atrás de lugares para tocar, geralmente por cachês bem reduzidos.

*Porque oscila muito, tem época que a gente tá tocando em cinco lugares fixos, tem época que a gente faz dois shows por mês, então não dá pra ter uma estabilidade. (RAFAELA)*

*Parece assim que a gente vem de uma fase difícil, aí melhora, aí depois piora... a gente passa por várias fases, mas essa aí tá sendo um pouquinho mais difícil. (MARIA DA GRAÇA)*

*Mas de uns anos pra cá, aqui na nossa cidade muita casa fechou, muita gente deixou de fazer festa por conta dessa crise política e financeira que infelizmente passou a ser real, meio mundo de gente desempregado, as pessoas deixaram de contratar. Quem nos contratava antes por um valor pediu para que nós baixássemos. A gente vinha de uma época, de um frenesi que a gente tocava de terça a domingo sem parar, quando chegava sexta-feira eram dois lugares, sábado, dois lugares, domingo, dois lugares. Caiu muito e a gente sentiu. (PAULO CÉSAR)*

Apesar da instabilidade nas contratações já ser uma característica comum no trabalho dos músicos, como pontuado nas duas primeiras falas, o entrevistado Paulo César afirma que o cenário econômico brasileiro tem repercutido no contexto atual em relação aos agendamentos de *shows* e os que têm aparecido propõem orçamentos muito inferiores aos que ele costumava receber. Da mesma forma, o entrevistado George se posicionou sobre a sua situação de trabalhos em São Luís:

*Só piora, não tem melhora não. Atualmente eu não tô fechado em nenhum lugar, pelo menos por enquanto, esses tempos não tô marcado pra tocar, esse fim de semana, por exemplo, eu vou tocar, no próximo talvez não, então é muito incerto. (GEORGE)*

Percebe-se que não há uma rotina bem definida no trabalho dos músicos, à exceção daqueles que estão inseridos em outros vínculos laborais ou que estão inseridos em cursos de música, necessitando, nesse caso, manter uma disciplina de estudo e prática diárias mais rígidas. Também não há uma descrição de atividades, nem a presença de um gestor propriamente dito, de modo que as regras e normas se dão de forma tácita, construídas à medida que as relações acontecem.

*Alguma coisa acerca de trajes também pra determinados eventos, então a gente convencionou que determinados eventos é todo mundo de social preto, ou determinados eventos é todo mundo de calça, mas são convenções mínimas assim, horários. Existem coisas acerca da própria remuneração, como a gente se organiza, como esse pró-labore acontece, mas no geral são poucas regras e foi uma coisa mais de entendimento coletivo de quais são as necessidades, de qual é a liberdade que cada um tem dentro do espaço de trabalho. (WALTER)*

Sendo assim, é simplório considerar a prescrição do trabalho meramente atrelada a normas e regras dispostas em leis ou regimentos organizacionais. É inegável que há no trabalho dos músicos uma organização do trabalho delimitada na formulação de acordos, ainda que verbais, mas que se sustentam na convivência do coletivo.

A insegurança econômica e profissional, oriunda de um contexto instável no mercado, a busca por outros vínculos para complementar a renda mensal, a gestão da imagem e a contínua publicidade do seu trabalho nos diversos meios de divulgação são algumas características que marcam a figura dos músicos em geral. No intuito de explorar as nuances do trabalho do músico inserido no contexto ludovicense, foram elencadas categorias desenvolvidas pelo referencial teórico-metodológico da Psicodinâmica do Trabalho: o binômio prazer-sofrimento, sentido do trabalho, reconhecimento no trabalho e estratégias de mediação. Tais conceitos são fundamentais para a compreensão da relação dinâmica sujeito-trabalho, além de serem pertinentes ao tema da presente pesquisa.

#### 4 A PSICODINÂMICA DO TRABALHO DOS MÚSICOS

A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem teórico-metodológica que compreende o trabalho como elemento central na vida do sujeito, podendo ser fator de saúde ou de desestabilização psíquica ao trabalhador, que precisa buscar um equilíbrio diante das adversidades oriundas das prescrições laborais. Para Dejours (2004), trabalhar é vencer, preencher o hiato que existe entre o prescrito e o efetivo, que não pode ser previsto de antemão.

Com a mudança no paradigma teórico da Psicodinâmica do Trabalho, que deixou de considerar somente o sofrimento psíquico resultante do confronto do sujeito com a organização de trabalho, e passou a analisar a dinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pelas situações vivenciadas no trabalho (DEJOURS, 2011), esta abordagem se afastou de um modelo psicopatologizante e ampliou a discussão para o trabalho real ao abranger também seus aspectos sócio-históricos.

Nesse sentido, com o intuito de enriquecer o entendimento da relação homem, trabalho e sociedade, buscou-se articular as categorias da Psicodinâmica do Trabalho com algumas contribuições do viés teórico de uma das Clínicas do Trabalho apresentada por Bendassolli e Soboll (2011), a Psicossociologia do Trabalho. Entende-se que embora a Psicodinâmica do Trabalho leve em consideração os contextos histórico e social que atravessam o mundo do trabalho, a escolha pela articulação com a Psicossociologia se deu no intuito de aprofundar a discussão acerca da influência do tecido social e suas repercussões na subjetividade do trabalhador. Além disso, possui conceitos que convergem teoricamente à Psicodinâmica do Trabalho, especialmente no que tange a sua compreensão de trabalho e de sujeito (SOLDERA, 2016).

A Psicossociologia, nascida na década de 1930, ocupou-se de questões que buscavam investigar os coletivos de trabalho, os processos organizacionais, as formas de institucionalização do trabalho e intervenções em ambientes laborais, fazendo uma articulação entre os campos social, as condutas humanas e a vida psíquica (LHUILIER, 2014). A Psicossociologia do Trabalho concebe o trabalho como um palco onde atuam o sujeito, o outro e a relação com o real (SOLDERA, 2016), de modo a nunca desconsiderar a pluralidade de elementos que enlaçam o mundo do trabalho.

Muito embora as contribuições da Psicossociologia do Trabalho tenham sido pinceladas ao longo da discussão das entrevistas, priorizou-se a abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, sendo elencadas como pertinentes ao tema da pesquisa as seguintes categorias: prazer-sofrimento, sentido do trabalho, reconhecimento no trabalho e estratégias de mediação.

#### 4.1 Prazer-sofrimento: “não sou alegre, nem sou triste: sou poeta”

O trabalho pode ser gerador de prazer e de sofrimento, sendo que um não exclui o outro, são indissociáveis e um pode dar condições para o surgimento do outro. Trata-se de uma relação dialética, onde tais afetos aparentemente opostos são, na verdade, constituintes. Isto implica em uma compreensão da relação entre o sujeito e seu trabalho não como um bloco rígido, estanque, mas em contínuo dinamismo, ou como Dejours (2011) denomina “um equilíbrio dinâmico”.

Mendes e Muller (2013, p. 290), pautadas no referencial psicanalítico, afirmam que a busca pelo prazer e a evitação do sofrimento são partes da constituição subjetiva, da formação do ego e de todos os mecanismos de defesas individuais e coletivos, sendo o prazer “[...] um princípio mobilizador que coloca o sujeito em ação para a busca da gratificação, reconhecimento pelo outro e realização de si”.

*Mas sobre o prazer, acaba sendo quando você pode tocar coisas que você gosta, coisas que você ouve em casa, o repertório que eu ouço em casa, que é o que eu ouço voluntariamente é o que eu gosto muito quando eu tenho a oportunidade de tocar. (WALTER)*

Esta fala retrata um prazer comum a todos os entrevistados – poder tocar o que gosta, as canções que ouvem em casa, que são aquelas que carregam afetividade e sentido em escolher a profissão. Essa forma de prazer é vivenciada em contrapartida às vezes em que o músico executa determinados repertórios que não o agrada, não há afinidade musical, mas que devido às exigências do contratante ou do próprio público, ele precisa aprender. Deste modo, poder tocar músicas com as quais há uma identificação pessoal é sinônimo de prazer no trabalho.

*Tocar é lindo. E o público também, quando os olhos brilham e as pessoas, quando tu percebe que elas cantam aquilo felizes mesmo, ah, isso é lindo. Compor é espetacular, compor é um ato de total ensimesmamento, onde tu vai materializar, quase que tornar tátil algo que não existe e o resultado final disso é um parto, há uma felicidade exacerbada nisso. Eu acho que é Cecília Meireles que diz: não sou alegre, nem sou triste: sou poeta. Então talvez se houver um viés criação/composição e a parte disso sendo colocada como à venda, tocando isso, não há sofrimento. (ANTÔNIO CARLOS)*

O prazer pode ser vivenciado no ato em si de compor músicas, de criar algo e ver o resultado da sua criação. Dejours (2012) afirma que há um esforço individual invisível no trabalho de produção cujo gozo só é perceptível para si, e isto se constitui como uma oportunidade de realização. Nesse sentido, o entrevistado Antônio Carlos afirmou não vislumbrar sofrimento em seu trabalho, uma vez que o processo de composição, bem como a possibilidade de tocar o que ele próprio criou são prazerosos o bastante para anuviar a ideia de um desprazer em sua atividade como músico.

Os modos de produção atuais fizeram com que, em alguma medida, o trabalhador perdesse sua capacidade de criar, de utilizar ferramentas intelectuais a fim de executar suas atividades de forma mais livre e espontânea (ALBORNOZ, 1986). Dadas as metas e normas que devem ser alcançadas e cumpridas, respectivamente. A autora faz uma comparação ao trabalho do artesão, que possui autonomia, escolhe suas horas de serviço e é capaz de usar sua engenhosidade artística para tirar seu sustento, e por isso obtém prazer no trabalho. Desse modo, Albornoz (1986) pontua que não há separação entre trabalho e divertimento, trabalho e cultura, ainda que o divertimento seja oriundo da satisfação da atividade em si mesma e o trabalho vise um fim econômico.

*É engraçado como as pessoas falam “ah, é muito bom, você trabalha se divertindo”. Não que não haja diversão no trabalho, porque dependendo do espaço que você toca, há sim um prazer na execução do trabalho, mas **também há chateação do mesmo jeito, como há cansaço em qualquer outro trabalho**, há rotina, há imposição de determinadas circunstâncias, tanto financeiras quanto de trabalho. (WALTER, grifo nosso)*

*Hoje em dia não dá pra gente só olhar o trabalho como uma coisa prazerosa, porque tudo na teoria é mais fácil. “Ah, trabalhe com prazer e não trabalhe, você não estará trabalhando”, mas na prática é diferente. (RAFAELA)*

Pensar o trabalho do músico enquanto divertimento, entretenimento – como foi discutido no capítulo anterior – é uma visão bastante comum que a sociedade cultiva de praticamente todos os trabalhos relacionados às artes. Isto se dá muito em função do desconhecimento do que acontece por trás dos palcos, das dificuldades que estes profissionais passam em relação ao recebimento do cachê em virtude da desvalorização por parte dos contratantes, por exemplo.

Outros entrevistados também pontuaram a fala de que se trata de “uma profissão como qualquer outra”, de modo a expor que existem exigências, demandas e rotina no trabalho do músico, como há em outros ofícios. Eles atendem a vários compromissos frequentemente, são cobrados, tanto interna quanto externamente, pois sentem a necessidade de aperfeiçoamento contínuo para um bom desempenho em suas performances. Os relatos corroboram com as pesquisas de Menger (2005) e Segnini (2016), que afirmam que o trabalho do artista não foge da lógica dos modos de produção do capitalismo, sendo que este profissional ainda possui o agravante da instabilidade econômica, oriunda de uma “flexibilidade permanente” (SEGNINI, 2007).

a) Sofrimento: “O show não pode parar”

Para a Psicodinâmica do Trabalho sempre haverá um conflito entre o desejo do sujeito e as normas e prescrições advindas da organização do trabalho, e mediante esse embate há o sofrimento. De acordo com esta abordagem teórica, o sofrimento poderá se manifestar em duas formas: o sofrimento criativo ou o sofrimento patogênico. No primeiro, o sujeito é capaz de ressignificar os conflitos vividos e transformá-los em ação e resultados. Já em sua forma patogênica, o sofrimento traz ausência de liberdade e autonomia, o que impossibilita o sujeito de manter-se saudável e produzindo. Nesse caso, a relação do trabalhador com a organização é bloqueada e não é mais passível de um rearranjo (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

*Já tive frustrações na música? Também já tive, tudo na vida tem seus altos e baixos, mas **quando a gente tá lá embaixo aí mesmo que a gente quer subir de novo**. Eu já vi gente fazer sinal de não, de negativo pra mim, dói pra caramba sabe? “‘Po’, tá uma droga”, cara aquilo ali dói muito, tu não sabe, eu nunca queria sentir aquilo na minha vida, foi muito ruim pra mim. E eu vi que eu tava ruim, foi uma época difícil na minha vida, de drogas, tava com uma pessoa errada, isso tudo influencia. Você tem que tá com uma pessoa certa e num estado legal. Eu vi minha carreira se afundando. (LUÍS MAURÍCIO, grifo nosso)*

Percebe-se que mesmo diante dos imprevistos inerentes ao ato de trabalhar, o entrevistado encontrou meios para superá-los. Moraes (2013) aponta que o sofrimento se torna criativo quando o sujeito consegue subvertê-lo em prazer. Ao vivenciar o fracasso, a sua competência é colocada em risco e resta ao trabalhador aprender a tolerar a situação penosa ou agir e criar uma solução. Dessa forma, o sofrimento funciona como um ponto de partida e proteção da subjetividade do sujeito (DEJOURS, 2004).

*No dia que o meu pai morreu eu tava tocando, então imagina, eu tive que tocar. Sabe a única coisa que eu fiz? Ofereci uma música pra ele, solei e falei no microfone “gente, meu pai acabou de morrer, mas”... eu tava tocando num casamento, eu tava num compromisso ali, eu tinha que tocar, eu recebi a notícia que o meu pai... foi ruim, mas na hora eu falei “gente, pra vocês verem **a força que a música tem na nossa alma**, meu pai acabou de morrer e eu to aqui cantando e eu vou tocar até o final” e toquei até o final. **O show não pode parar**. (LUÍS MAURÍCIO, grifo nosso)*

*Desprazer pra mim é a desunião da classe. Todo mundo querendo puxar o tapete um do outro. **Eu toco a minha história**. Eu carrego a minha história e quem eu puder ajudar eu ajudo. Mas eu fico muito triste em ver a inveja, é um negócio pesado. A música vem em primeiro lugar, eles esquecem disso. Quando nós chegamos aqui a música já estava, quando a gente partir, ela vai continuar. Eu costumo postar “vamos curtir o [nome de estabelecimento] onde o ator principal é o samba”, pra dar uma ‘lapada’ na cara de certas pessoas. Toca teu violão, toca tua história e deixa os outros, respeita. (PAULO CÉSAR, grifo nosso)*

O trabalhar passa inevitavelmente pela experiência afetiva e corporal de sofrimento, o que mobiliza a subjetividade do sujeito em busca por uma solução (MARTINS, 2013), dentro de uma perspectiva de saúde psíquica. Segundo o entrevistado Paulo César, ver que muitos músicos prezam pelo individualismo, fomentam a competitividade e a inveja, deixando de lado a própria música, é um fator que causa tristeza. Já para Luís Maurício, a



percepção do sofrimento no trabalho foi relacionada a eventos inesperados que estavam para além da uma resolução prática, no caso o recebimento da notícia da morte de um familiar. Os relatos acima, embora com conteúdos diferentes, apontam para uma característica comum: o compromisso com a música se sobrepõe aos conflitos e imprevistos ocorridos nas situações de trabalho.

A questão da remuneração também foi bastante abordada enquanto um fator de desvalorização, o que também inflige um sofrimento no trabalho. Uma prática que ocorre com frequência por parte dos contratantes, que os músicos se referem como “pechincha” ou “chororô” em relação ao cachê cobrado. Na maioria das vezes isso se dá devido à inexistência de um contrato físico, salvo raras exceções, e de uma legislação que os respalde financeiramente, o que se torna um fator gerador de incertezas e sofrimento psíquico.

*Sofrimento é tu fazer um show e o cara ter acordado uma coisa e o cara chegar lá e falar outra coisa, tipo o cachê foi 200, aí depois do show “ah só tenho 100”, esse tipo de coisa me deixa chateado. Falta de profissionalismo da outra parte. (GEORGE)*

*É complicado, porque voltamos àquela mentalidade, acham muito caro, aí “ah mas vai ter comida, vai ter bebida”, sim, mas eu vou me locomover, vai ter um gasto de gasolina, a gente compra instrumentos, a minha voz. O pessoal “chora” muito e **a gente tem que se adequar, porque precisa trabalhar**, precisa mostrar trabalho. É bem complicado, em bares é pior ainda, porque o pessoal quer que você cante quatro, cinco horas e paga muito pouco. Porque eles acham “ah mas tu vem aqui só uma vez na semana”, mas eu passo quatro horas cantando em pé. Então saio de lá e vou comprar remédio (risos), tudo é gasto. É por achar assim “ah, **só vem aqui à noite, canta aí umas musiquinhas e vai embora**”. (MARIA DA GRAÇA, grifo nosso)*

No caso dos estabelecimentos comerciais, diferentemente de um evento privado, há um interesse do gerente ou proprietário no lucro, e o papel da música ali, portanto, é de mero atrativo aos consumidores. O artista é um entretenimento, um elemento secundário; um gasto necessário para atrair o público ao local da festa, onde ele só precisa “cantar umas musiquinhas e ir embora”. Caso não haja um retorno financeiro para o contratante, o músico sairá prejudicado, uma vez que nem sempre o valor acordado inicialmente é pago após o *show*.

É notória a relação de desvalorização do trabalho dos músicos, que se reflete nessa dinâmica informal de remuneração, perpetuada em virtude da necessidade do artista de trabalhar. O pagamento por apresentações é quase sempre insuficiente para garantir o seu sustento, por esse motivo a busca por outra atividade remunerada é uma prática comum nesse meio.

*Então hoje se eu tivesse só a música como renda, eu não estaria bem. Todo mundo quer fazer suas continhas pra pagar no mês, então se*

*depende só da música, pelo menos aqui, nesse momento, se fosse só música, pra mim não dava. (RAFAELA).*

*Mas se a pessoa pensar bem, é menos triste do que a pessoa odiar ser bancário e ser bancário, do que tu amar ser músico e ser músico. Se tu fosse bancário querendo ser músico é bem mais triste. (ANTÔNIO CARLOS)*

Mesmo com todo o sofrimento advindo dos trabalhos intermitentes, dos cachês diferenciados e da falta de estabilidade característicos do trabalho do artista (MENGER, 2005), no qual não há garantia de tranquilidade para pagar as contas ao fim do mês, o participante Antônio Carlos elucida que a realização de um trabalho carregado de afeto é capaz de possibilitar vivências de prazer. É o sentido no trabalho que dá o tom ao ato de trabalhar.

#### **4.2 O sentido do trabalho: “eu respiro música, é até perturbador”**

Antunes (2009) destaca que para que exista uma vida dotada de sentido fora do trabalho é necessária uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Desse modo, é necessário que a organização do trabalho proporcione ao sujeito autonomia, liberdade, variedade na natureza das tarefas, aprendizagem e reconhecimento (TOLFO; PICCININI, 2007). Sendo o sofrimento um fenômeno inerente ao trabalhar, uma vez que esses valores são garantidos ao trabalhador, a ressignificação das adversidades pode favorecer o prazer no trabalho.

*Trabalho é a minha filosofia de vida. Eu gosto muito de trabalhar naquilo que eu me propus, no que eu faço. Te confesso que há alguns anos atrás eu pensei em me afastar da música diversas vezes, pessoas “Rapaz, será que não é melhor tu buscar uma outra coisa?”, preocupados, amigos mesmo, de verdade. Eu confesso que eu procurei e eu não me senti bem. **Na música eu me sinto bem, eu me realizo, eu sou feliz.** O meu trabalho é a minha filosofia de vida. (PAULO CÉSAR, grifo nosso)*

*Ah eu gosto muito de tocar, eu gosto de tocar. Ou tocar com os amigos, ou dar aula, eu gosto muito de dar aula, principalmente dar aula de instrumentos, mas nas apresentações é onde eu sinto “isso vale a pena”. (GEORGE)*

*Acho que é por isso que todos os cantores cantam até morrer, ninguém para, ninguém “ah vou me aposentar”, **ninguém se aposenta**, porque tem uma paixão muito forte. **Quem faz esse tipo de trabalho é porque gosta mesmo, tem que ter muito amor, dedicação, então eu vejo assim. Música é minha vida.** (LUÍS MAURÍCIO, grifo nosso)*

O trabalhar implica não somente em ter uma atividade, mas também em enfrentar a resistência do real e construir o sentido do trabalho (DEJOURS, 2007), como é possível verificar na fala do entrevistado Luís Maurício, seu trabalho vai muito além de uma mera execução de tarefas, é uma prática carregada de afetividade, de amor. Do mesmo modo, Codo

et al. (2004) afirmam que em todo trabalho há necessidade de investimento afetivo para o seu desenvolvimento.

Dejours (2011) salienta que para algumas pessoas o trabalho pode ser uma atividade acessória e que o essencial, para elas, pode situar-se em outras esferas. Contudo, ao serem questionados acerca da distribuição do seu tempo nas esferas profissional, social e pessoal foi possível perceber nitidamente o sentido que esses profissionais atribuem à música – é efetivamente uma relação de entrega.

*Com a ideia de ficar viajando e tocando sempre, tu perde muitos convívios. O lado profissional de algum modo se confunde com a tua própria vida e **a tua existência gira em torno do teu trabalho**. E tu passa muito tempo estudando, compondo coisas, tirando detalhes, fazendo arranjos e à noite, quando tu estivesse saindo com tua esposa, ou com amigos pra beber ou comer, tu ta tocando, tu ta mostrando esse trabalho final. Então **tua vida social quase inexistente, tu substitui por muitas coisas**. (ANTÔNIO CARLOS, grifo nosso)*

*Geralmente eu foco mais na minha vida profissional, mas é tudo muito entrelaçado, a vida do artista é muito entrelaçada. Minha vida social é um pouco difícil, **não tem muita vida social** (risos). Minha família não é muito musical, eu tenho tempo com eles, mas sei lá, **pra mim a única coisa que importa é música**. O tempo todo eu to conectado com ela, seja estudando, seja ouvindo música, seja tocando, então a maioria do meu tempo pessoal e profissional é musical, então meio que eu não saio nunca dessa linguagem, a linguagem ta dentro de mim o tempo todo. (GEORGE, grifo nosso)*

***Eu respiro música** o tempo todo, até nas minhas férias, quero me livrar e... eu gosto, já acordo tentando criar alguma coisa. Já vii aqui como é minha casa, totalmente musical, aqui é meu estúdio, é do lado do meu quarto, tem música no meu carro, é direto, então é **até perturbador**, é estressante pra caramba, eu tento parar e não consigo. (LUÍS MAURÍCIO, grifo nosso)*

***Eu não tenho muito a esfera social, sabe?** Pra mim é algo muito natural, um dia eu dou aula, outro dia eu fico em casa estudando, depois eu saio pra um trabalho, mas eu não tenho uma vida, do que as pessoas entendem como vida social, eu não sei se eu tenho ela de forma muito efetiva. **E não sei se eu sinto muita falta também**, eu gosto da rotina que eu levo. (WALTER, grifo nosso)*

*Eu acho que a maioria dos artistas são antissociais, apesar de não parecerem ser, mas talvez todos sejam. Na literatura, qualquer arte, **tu acaba nem tendo tempo pra outras coisas, nem quer**. (ANTÔNIO CARLOS, grifo nosso)*

Todos os relatos apontam para a ideia de uma vida social inexistente ou muito reduzida, frente aos compromissos decorrentes da rotina de trabalho, tais como *shows*, ensaios ou tempo diário reservado para prática. Embora isso seja colocado como algo pertinente à atividade de músico, também ficou perceptível em algumas falas que nessa falta de disponibilidade, há também uma falta de disposição em estar presente em um contexto social que não tem a ver com a música.

Tolfo e Piccinini (2007) distinguem significados e sentidos do trabalho, sendo o primeiro relacionado a uma construção social apropriada coletivamente, enquanto o segundo

se refere a uma produção pessoal a partir desses significados. Desse modo, o sentido do trabalho se constitui em uma apropriação estritamente individual. Em contrapartida, Assis e Macêdo (2010), partindo de uma perspectiva psicanalítica, apontam que a arte consolida-se como intercâmbio entre o sujeito e o outro, através do qual é possível simbolizar o mundo.

*Eu gosto da elegância do cantar, e eu não nego que eu levo isso da questão da presença do palco, do interpretar, a questão da voz, daquela entonação, do que você tá sentindo e fazer com que o teu público sinta aquilo ali. Sinta aquilo que você tá sentindo na música, é difícil, mas não é impossível. Então eu agradeço ter ganho o prêmio de melhor intérprete do samba, porque isso me ajudou muito. **Aí me fez analisar assim “eu consigo, eu consigo passar aquilo que eu sinto”.** E eu errei o meu samba, eu tava tão nervosa, não nego, que eu errei a letra. Eu não esperava ganhar, porque eu errei, aí eu conversei com uma das juradas e ela disse “a gente sabe que tu errou, mas tu não sabe o quê que tu passou pra gente”, então foi muito importante ouvir isso, porque não foi a letra que importou, como ela disse, foi a emoção que eu passei pra ela e pra amiga dela. Porque ela me disse que conversou com a amiga dela e ela disse “tu vai dar 10 pra ela?”, “eu vou”, “eu também vou, porque eu to aqui pra chorar”. **Então foi muito bom ouvir isso daí, eu precisava (MARIA DA GRAÇA, grifo nosso)***

É notório que existe um prazer no trabalho dos músicos, isso ficou marcado em muitos dos relatos. Porém a entrega do artista é contingente, por vezes, à forma como ele percebe que o seu trabalho chega para a sociedade, em como se dá a receptividade do resultado de todo o seu esforço, que é invisível. A situação vivida pela participante Maria da Graça endossa isso. Ela estava passando por um momento de crise, questionando-se sobre a repercussão do seu trabalho no social. O recebimento do prêmio de melhor intérprete do samba a fez analisar que ela é capaz de alcançar os objetivos que tem traçado na música, no entanto foi o comentário de uma das juradas que fortaleceu o sentido do seu trabalho naquela fase difícil, pois a palavra falada teve valor simbólico de reconhecimento.

#### **4.3 A dinâmica do reconhecimento como retribuição simbólica**

Lhuillier (2014) sugere uma aproximação teórica com a antropologia de Marcel Mauss ao abordar o trabalho não em termos de uma dialética, como a Psicodinâmica do Trabalho presume, mas de um ciclo de “prestação” e “contraprestação”, equivalente a “dar” e “receber”, no entanto, não se trata de uma retribuição mercantil, mas ao pagamento de uma dívida, de uma falta, às vezes conhecida, às vezes oculta.

Por conta do seu engajamento, o sujeito espera que a sua contribuição seja retribuída, contudo Dejours (2011) salienta que se trata de uma retribuição que não necessariamente é material, mas de natureza simbólica, o reconhecimento proferido pelo outro do trabalho realizado, bem como da identidade do trabalhador.

Infelizmente por falta de algumas estruturas de ensino, de aparelhos públicos, a gente não tem tantos nomes relevantes quanto poderia, e aí por algumas coisas,

festivais, eventos de premiações de coisas que eu fiz, eu considero que o reconhecimento do meu nome é até mais do que eu mereço, eu sou muito feliz com isso. As pessoas reconhecem, as pessoas falam muito bem, óbvio que tem gente que fala mal, mas porque normal também, mas em geral eu me sinto muito privilegiado por como as pessoas me reconhecem no meio artístico, nos lugares, nos eventos, eu sou parado, as pessoas conversam, então disso eu não tenho o que reclamar. E não só no meio artístico, as pessoas que não são músicos, mas que acompanham o cenário musical também **há um reconhecimento pelo qual eu sou muito feliz, não que isso se expresse em dinheiro**, mas eu também não me incomodo muito com dinheiro assim, mas acerca disso eu sou muito grato. (WALTER, grifo nosso)

O relato acima expõe a distinção pontuada pela Psicodinâmica do Trabalho e pela Psicossociologia no que tange a retribuição simbólica que o sujeito recebe diante da contribuição do seu esforço e dedicação, que não se manifesta em termos salariais.

#### a) Prazer-sentido-reconhecimento

Quando o trabalho proporciona ao sujeito a realização de si, bem como o reconhecimento pela contribuição da sua força de trabalho – que são fatores essenciais para a identificação do sujeito com o seu trabalho – é possível também vivenciar prazer. Desse modo, a autonomia e a retribuição advinda do outro são essenciais para fornecer o sentido do trabalho.

*Mas na hora que começa a cantar a primeira, segunda música, aquilo ali, tu esquece tudo e pronto! Tá só tu e teu público ali, esse é o momento prazeroso. Esse é o momento que tu diz assim “nossa, valeu a pena, faço de novo, de novo e de novo”. Ai depois vêm os aplausos, os elogios. E é isso que faz continuar, é isso que dá o gás. (RAFAELA)*

*A luta não é fácil. Mas sabe o que gratifica? É exatamente isso aqui. Essa tua manifestação em querer fazer isso aí que tu tá fazendo, querer entrevistar um músico daqui do Maranhão pra saber o que acontece nos bastidores, isso aí fortalece. Ave Maria, fiquei muito feliz em saber quando me disseram, porque isso fortalece, é isso que gratifica. As várias mensagens que eu recebo no dia seguinte, “que samba maravilhoso, foi muito lindo, nós adoramos”. **Tu já sabe que o teu nome ta na história, alguma coisa tu fez.** (PAULO CÉSAR, grifo nosso)*

*Teve até um cara, eu conheci ele era guri, ele me falou “Quando eu crescer eu quero ser que nem tu”, eu achei legal isso, até hoje ele fala no microfone quando ele vai cantar “cara, esse cara aí eu disse pra ele que quando eu crescesse eu queria ser que nem ele e hoje eu toco e faço tudo que ele faz”, então é legal a gente ter alguém que se espelha na gente. (LUÍS MAURÍCIO)*

Ao engajar sua subjetividade no ato do trabalho, o sujeito busca a sua identidade. O trabalhador não deseja apenas realizar uma tarefa; quer dar vida ao trabalho, deixar sua marca (MENDES; DUARTE, 2013). Dejours (2005, p. 56) destaca que: “[...] o reconhecimento é a forma específica da retribuição moral-simbólica dada ao ego, como compensação pelo engajamento de sua subjetividade e inteligência”. Desse modo, a retribuição simbólica só é possível a partir do olhar do outro, é ele quem dá sentido e significado ao que o ego produz, é ele quem vai atribuir valor ao trabalho do sujeito.

b) Julgamento de beleza e de utilidade

A retribuição simbólica passa por provas do trabalho realizado que dizem respeito aos julgamentos enunciados pelos atores presentes no contexto de trabalho. Ressaltam-se dois tipos: julgamento de utilidade e julgamento de beleza. O julgamento de utilidade é proferido em linha vertical, seja pelos superiores hierárquicos, subordinados ou clientes; é julgada a utilidade econômica, social ou técnica da contribuição do trabalhador. O julgamento de beleza confere constatação da qualidade do trabalho, diz respeito ao saber-fazer e se anuncia em elogios, termos estéticos; proferido pelos pares, é o que possibilita ao trabalhador o sentimento de pertença a um grupo profissional (DEJOURS, 2005; LIMA, 2013).

*Eu tenho mais reconhecimento de outros músicos, professores lá da escola de música, eu percebo mesmo esse reconhecimento dos próprios músicos que tocam na noite assim como eu, que sobrevivem disso. São músicos que já tocaram comigo e com meu marido, que já respeitam meu trabalho. Foi quando eu consegui que a rádio universidade tocasse a minha música, que é um samba, então **da sociedade não, mas de outros músicos sim.** (MARIA DA GRAÇA, grifo nosso)*

*Eu fui um dos poucos que estudou mais profundamente harmonia e isso não era comum, **mas eram mais músicos que tinham um respeito enorme por isso.** Meu repertório era um repertório difícil, não muito convencional, e eu tinha um comportamento de **não aceitação do discurso “sou o pano de fundo da tua bebedeira, eu faço arte”.** (ANTÔNIO CARLOS, grifo nosso)*

Nas falas dos entrevistados compareceu em maior quantidade o julgamento de beleza, que segundo Dejours (2005) é o que de longe possui mais valor ao sujeito, é o mais significativo. Para Antônio Carlos, o reconhecimento e admiração dos pares se dava tanto em relação ao grau de dificuldade da técnica musical desempenhada, quanto da postura que este profissional assumia diante de um público que de algum modo desvalorizava a sua performance. Frente à ausência do julgamento de utilidade, este músico pôde ainda assim ressignificar seu sofrimento por meio do julgamento sobre a beleza do seu trabalho.

Se o reconhecimento é benéfico à saúde psíquica por possibilitar ao sujeito vivenciar o prazer no trabalho, por outro lado a desvalorização por parte do outro pode favorecer sentimentos negativos, como angústias e frustrações.

*A falta de reconhecimento, desvalorização, isso frustra demais, tem frustrado bastante. Aquela questão, músicos, cantor mesmo são os famosos, é Maria Betânia, é Marília Mendonça, a gente não, a gente é só “ah, toca em barzinho ali”. Isso é frustrante. (MARIA DA GRAÇA)*

A falta de reconhecimento também se reflete na remuneração dos músicos, como já foi exposto em outros capítulos dessa pesquisa. A entrevistada Rafaela destaca uma prática bastante comum entre os músicos iniciantes em São Luís, que em busca do reconhecimento,

da visibilidade, acabam por aceitar cachês inferiores, o que prejudica os mais experientes, visto que os donos dos estabelecimentos nem sempre fazem distinção da qualidade/experiência dos músicos.

*Tem um termo que a gente usa no meio dos músicos que é que eles não se “prostituem”, o que é se “prostituir”? Tipo, meu valor em barzinho é cento e cinquenta reais por três horas. Aí vem um que tá começando, quer aparecer, faz por oitenta. Aí o dono do bar quer o quê? Ele quer a música ao vivo e ele vai pagar o mais barato, tá tocando as músicas do momento que as pessoas gostam, mas ele não tá enxergando uma voz legal e tal, ele só quer uma atração ali. E a gente perde muito. Eu já fui muito de “tu pode fazer por tanto?”, “ah, vou fazer porque é pra gente ter uma visibilidade, reconhecimento”, hoje em dia eu não faço mais. “Olha, meu cachê é esse e ponto”. (RAFAELA)*

Acerca do que foi relatado na fala anterior, os entrevistados a seguir relativizam a questão da falta de reconhecimento do trabalho do músico e explicam:

***Já existe uma certa valorização, mas pra aqueles se valorizam, tem isso, mas por conta daqueles que não se valorizam aí vem a contrapartida. Os empresários, os produtores, os contratantes acabam colocando a gente num mesmo pacote desmerecedor. Os que levam de qualquer jeito, na boemia, conheço pessoas que tocam por bebida, conheço pessoas que tocam pra quem tem um poder aquisitivo melhor pra eles estarem naquele meio, porque tem uma piscina, porque tem um churrasco, porque vai ter mulher. Têm várias situações em especial no meio da música que acabam levando a gente pra um mesmo pacote. Ou seja, lamentavelmente a própria classe que coloca a gente nessa situação.** (PAULO CÉSAR, grifo nosso)*

*Acho que parte da pessoa também, de perceber que **música é um trabalho**, esse é um ofício, eu cobro tanto, as regras pra que eu faça isso são tais. (ANTÔNIO CARLOS, grifo nosso)*

*Eu acho que você também cava um pouco do respeito que as pessoas te dão, acho que também tem um pouco da tua postura, de conscientização do músico em relação à construção do seu produto, da oferta do seu trabalho e da própria construção da sua imagem perante o mercado. (WALTER)*

Os estereótipos e os preconceitos existem, contudo alguns músicos apontaram que é preciso haver um movimento dos próprios profissionais no sentido de desconstruir muito do que se concebe do artista nos dias atuais. A partir do momento em que um músico aceita bebida como pagamento pelo seu trabalho, a imagem que ele estará passando não é de um profissional, mas sim de um amador, ao invés de representar a sua classe, que possui trabalhadores dedicados, estudiosos e zelosos pela figura do músico profissional. Entretanto, é evidente que os relatos dos entrevistados apenas revelam suas opiniões particulares, sem esclarecimentos dos motivos que levam cada indivíduo a optar por se submeter às condições de precariedade oriundos do trabalho artístico.

#### c) Falta de reconhecimento na/da cultura maranhense

*Se você for nos bares daqui você não vai ver ninguém cantando música maranhense. Então assim, por isso que eu digo que nesse lado a mente do maranhense é muito provinciana ainda, porque ele acha que o que faz sucesso no Rio e em São Paulo é o que é bom. O que é bom aqui é o que vem de fora. (MARIA DA GRAÇA)*

*Aqui ainda é muito provinciano, não há um mercado consumidor local de fato, nunca houve, as pessoas têm uma orientação pra consumir, mas não o que é notadamente local, música local, literatura local, artes plásticas local, o externo será sempre visto como o melhor, talvez corroborando com o ditado “santo de casa não faz milagre”... **Ser músico aqui, profissionalmente, é um fiasco**, porque não há mercado nenhum. (ANTÔNIO CARLOS, grifo nosso)*

*A gente vive em um estado, uma cidade que é muito desassistida, os gestores não olham muito, quer dizer, eles não olham pro nosso lado. Salvo nesses períodos de manifestações culturais, São João, Carnaval e olhe lá, ou no período de eleições, onde eles enxergam ali no artista um potencial eleitor, que ele sabe que o artista agrega muita gente. (PAULO CÉSAR)*

Um breve recorte feito acerca da percepção que os músicos entrevistados têm do mercado musical em São Luís mostrou que a falta de reconhecimento também comparece em relação ao que é produzido pelos artistas da terra. É uma desvalorização ainda mais pontual do trabalho do músico – porque aqui não se situa a (re)produção de canções consagradas, de artistas famosos, mas o olhar social em relação à produção autoral, dos artistas não famosos: os artistas locais.

#### **4.4 Estratégias de mediação: “eu não quero nem ouvir o rádio tocar”**

Entende-se que as estratégias de mediação compreendem as estratégias de defesa, que podem ser individuais ou coletivas, e a mobilização subjetiva, advinda do engajamento individual do trabalhador frente ao real do trabalho. As estratégias defensivas são uma proteção ao psiquismo construída pelo sujeito para minimizar a percepção do sofrimento oriundo do trabalho (MORAES, 2013). Por se tratar de um recurso estritamente mental, as estratégias de defesa não têm efeitos sobre os elementos que se constituem como geradores de sofrimento, ou seja, elas nada fazem pelo indivíduo em seu contexto real. Mendes e Duarte (2013) afirmam que a mobilização subjetiva se baseia na dinâmica contribuição/retribuição e demanda o engajamento de toda subjetividade, a mobilização da inteligência e da personalidade.

Moraes (2013) aponta que as estratégias de defesa podem ser protetoras ou adaptativas, sendo respectivamente, de racionalização (nos modos de pensar, sentir, agir compensatórios) ou de negação (do sofrimento).

Como já foi exposto, a abordagem da Psicodinâmica do Trabalho tem como pilar de sustentação teórica o binômio prazer-sofrimento, no entanto, a palavra “sofrimento” suscitou certo desconforto e, por vezes, não entendimento por parte de alguns dos participantes.

*Eu não sei se o termo sofrimento... talvez a gente não tenha a mesma significância da terminologia pro trabalho, eu acho ele bastante pesado. **Talvez eu que não queira responder não é?** Não sei... é porque eu acho muito forte o termo. Mas existem alguns dissabores, que são característicos da profissão. (WALTER, grifo nosso)*



Nessa fala o próprio participante percebeu que a palavra sofrimento trouxe uma carga com a qual de algum modo ele não se identificou, porém logo em seguida ele diz: “mas existem alguns dissabores” e começa a elencar as suas vivências de desprazer na atividade. É possível refletir que tenha havido uma negação de um sentimento que ele acredita não estar presente em seu cotidiano de trabalho. É importante ressaltar que esta é apenas uma interpretação, que pode ser reducionista, se a fala for considerada por uma via de que simplesmente o entrevistado não avalia que há sofrimento, dadas as suas experiências exitosas no trabalho.

Uma característica das estratégias defensivas é o favorecimento da adaptação do sujeito em detrimento de um posicionamento ativo. Como pensamento, sentimento e ação compensatórios, a racionalização se manifesta em falas que justificam as adversidades do trabalho.

*Falando muito especificamente de mim mesmo, determinados repertórios me são incômodos, são bem dolorosos de tocar, pelo conteúdo que eles carregam, mas é preciso compreender que determinada música, **determinado gênero cumpre uma função social** ali, as pessoas querem dançar, as pessoas querem rebolar, enfim, e pra aquela finalidade não dá pra ser bossa nova, tem que ser “Pimpolho” mesmo (risos) ou as coisas do Safadão. Então **a compreensão disso, de alguma forma, te deixa um pouco mais leve pra executar aquilo, ainda que você não concorde com muita coisa que ta dita**, que vem sendo dita na poesia, ou como aquela música é produzida, ou como ela é executada, mas em geral é uma coisa bem de trabalho. Estou cumprindo um dever, estou fazendo um serviço. (WALTER)*

A mobilização subjetiva emerge diante do sofrimento inerente ao trabalhar e demanda um investimento afetivo, do corpo e da cognição (MENDES; DUARTE, 2013). Como é possível notar no relato do entrevistado Luís Maurício, as exigências e o contato com as adversidades do dia a dia do trabalho exigiram um descolamento, ainda que momentâneo, da música.

*Normalmente a minha segunda-feira é o meu domingo, é o dia que eu não faço nada com música, **eu não quero nem ouvir o rádio tocar**, é meu sossego, vou assistir filme, dar uma caminhada na praia, qualquer coisa desse tipo, mas não toco, não pego, nem entro no estúdio, às vezes terça também. Mas de quarta pra frente começa e não para mais, quarta à domingo sem parar. (LUÍS MAURÍCIO, grifo nosso)*

*Eu achava que o álcool fazia isso comigo, “ah vou beber, vou ficar doidão, vou tocar massa”. Dá o clima, dá, mas eu passei 10 anos sem beber, então eu vi que não era a bebida que me fazia eu fazer sucesso. Meus amigos falavam pra mim “cara, como é que tu consegue tocar sem beber? Eu não consigo”, consegue sim ‘po’. Como eu to te falando, a música, no lugar da bebida, **eu comecei a sentir prazer e as pessoas admiravam o meu trabalho, então aquilo ali me motivava a cantar**. (LUÍS MAURÍCIO, grifo nosso)*

Diferentemente das estratégias defensivas, que evitam que o trabalhador tome consciência do seu próprio sofrimento, a mobilização subjetiva viabiliza a ação transformadora no contexto penoso do trabalho real – na Psicossociologia, pode-se pensar em uma ressonância com o termo “conflitualidade” dos laços sociais, que integra o campo do embate do sujeito com sua realidade a ser transformada (LHUILIER, 2014). Como é possível verificar no trecho exposto acima, isto pode se dar também pela via do reconhecimento, “[...] o desejo subjetivo fundamental de obter em retribuição do seu engajamento um benefício em termos de sentido para si” (MENDES; DUARTE, 2013, p. 261).

a) Saúde e trabalho: “Não tem esse negócio de prejudicar”

Quando questionados acerca da sua saúde ter sido afetada em algum momento pelo trabalho, a grande maioria dos entrevistados respondeu muito em função da concepção usual que se tem de uma saúde fisiológica, não levando em consideração aspectos psicológicos. Apenas o entrevistado Paulo César citou uma situação em que percebeu mudanças disfuncionais que o desestabilizaram tanto física, quanto emocionalmente.

*Aí prejudicou sono, alimentação, atividade física era muito difícil fazer, quando tinha era um dia ou outro. Mas não tem esse negócio de prejudicar, tudo a gente dá um jeito. (RAFAELA, grifo nosso)*

*Eu já toquei com algumas pessoas que eu não tinha prazer nenhum em ta tocando, em ta próximo àquelas pessoas, eu mal via a hora de ir embora, mas por conta do compromisso e da necessidade eu fiquei. Mas eu fiquei tão perturbado que passou a refletir na minha saúde, no meu rendimento. Eu emagreci, eu andava estressado, mau humorado, não conseguia estudar minhas músicas, desaprendi muito da minha técnica, do que eu estudava, porque **eu estava indo pra um trabalho sem nenhum prazer**. E aí tu sabe o resultado disso, não te leva pra lugar nenhum, desgastante e triste, lamentável. Passei muito por isso. (PAULO CÉSAR, grifo nosso)*

Quando o sujeito não consegue beneficiar-se do trabalho para ressignificar seu sofrimento ou transformá-lo em prazer, há uma desestabilização psíquica que poderá levar ao adoecimento, o que Dejours (2011) denominou de sofrimento patogênico. Uma questão também mencionada por quase todos os entrevistados foi a relação com o álcool e outras drogas e os prejuízos que acarretam à saúde, muito embora essa percepção tenha sido tardia por parte de alguns, que relataram já ter sentido na pele os efeitos danosos do abuso de algumas substâncias.

*Porque tu se habitua, tu vai criando hábitos de consumo de substâncias, então por exemplo, uma substância muito comum que se consuma é o álcool, tu rapidamente tende a virar alcoólatra, porque tu cria o hábito de beber diariamente. Todos os lugares servem bebida alcoólica e aí tu vai experimentando coisas, possivelmente tu acaba se habituando, pra não dizer se viciando, porque muitas vezes é vício. Cigarro e possivelmente outras coisas também. Então assim como tu vais a um restaurante e pede uma comida e ao final vem a conta, **um dia virá a conta e a conta será na tua saúde**. Alguém tem que te dizer “não faça”, porque há casos em que as pessoas vão e se perdem mesmo. Saúde mental e orgânica. (ANTÔNIO CARLOS)*

*Ah se eu não tivesse parado com o que eu tinha, fumava cigarro, maconha, bebia pra caramba, perdia noite de sono, eu já tinha morrido, eu acho. Esses dez anos que eu passei paradinho foi o suficiente pra eu viver mais um pouco (risos), como eu te falei, alguns amigos faleceram porque não cuidaram da saúde, tem sempre que cuidar da saúde. (LUÍS MAURÍCIO)*

Nos dois relatos acima percebe-se que houve um reposicionamento em afastar-se daquilo que era prejudicial à saúde e, de algum modo, ao próprio trabalho efetivo. Também compareceu o fato de amigos que puderam ajudar (no primeiro relato) e amigos que não puderam ser ajudados a sair dessa situação (no segundo relato). Sabe-se da relevância em ter um coletivo de trabalho fortalecido que possa promover ações transformadoras coletivas e individuais.

#### b) O coletivo de trabalho

Sabe-se que no trabalho com música existem várias modalidades nas quais os artistas podem configurar suas apresentações: voz e violão, duplas, grupos etc., sendo que todos os músicos entrevistados já passaram pela experiência de tocar em grupos. Macêdo e Heloani (2013) apontam que o coletivo de trabalho é mais que um grupo de indivíduos, pois o que o define é a criação de regras que vão nortear as relações interpessoais e de trabalho sob a forma de acordos verbalizados. Tais acordos são atos comunicativos que abrem um espaço para a fala democrática entre os membros do coletivo e que fomentam livre expressão individual.

*Eu não quero ser chefe, eu não quero ser patrão, apesar da banda ser minha, mas eu não trato eles como meus empregados, eu trato eles como companheiros.[...] Cada um sabe das suas responsabilidades e fica determinado o que cada um tem que fazer, então cada um respeita o outro e é desse jeito. Agora eu dou, tipo assim, eu que coloco “gente, hoje é assim, hoje vai ser assado”, aí tem um ou dois, quem contrariar, vence a maioria, a gente faz reunião, quando o bicho ta pegando aí, reunião. Quando ninguém nem aguenta mais um olhar pra cara do outro, reunião. Aumento de cachê, reunião. (LUÍS MAURÍCIO, grifo nosso)*

A divisão de tarefas também ocorre no trabalho dos músicos, contudo ela se configura em acordos verbais flexíveis e passíveis de rearranjos. Não obstante os entraves que são inerentes ao trabalhar, o coletivo de trabalho pode servir como um suporte para o sujeito vivenciar adversidades com menos sofrimento, pois encontrará ali um espaço de diálogo e abertura que seja favorável à resolução dos problemas decorrentes do trabalho.

O movimento de apropriação do ato recobre o desenvolvimento da atividade, a fim de torná-la mais consciente e voluntária. Isso supõe um distanciar-se da rotina e do que é feito maquinalmente ou é imposto sem ser compreendido. A apropriação se refere, então, a uma atividade pela qual o sujeito se sente responsável, e que ele assume de acordo com seus valores. Ela não diz respeito somente a uma escolha pessoal, mas também a ações coletivas capazes de modificar as normas de trabalho. Ela resulta, portanto, de um trabalho individual e coletivo de renormalização. (LHUILIER, 2014, p. 10)

Corroborando com esse pensamento, Costa (2013) aponta o coletivo de trabalho como meio para a construção do sentido do trabalho, uma vez que o espaço de suporte e cooperação entre trabalhadores poderá proporcionar a ressignificação do sofrimento no trabalho.

c) Que lugar o músico ocupa? Que lugar gostaria de ocupar?

Um dos participantes da pesquisa chama a atenção para a desnaturalização de uma cobrança que muitos músicos têm em relação a si próprios, uma vez que acabam por criar expectativas demasiadas do seu trabalho.

Eu acredito que pessoas sofrem bastante porque não são reconhecidas, ou porque criam expectativas enormes. O “serei famoso” tem a ver com o trabalho com a música, por exemplo, mas não tem muito a ver com a arte, com a composição. A arte é um prazer teu, não é para outrem. **O ficar famoso é necessário? Não.** E acontecerá pra poucos, tem que ter um investimento enorme. Tem a questão da jovialidade, se tu passar de uma certa idade tu não serve para o mercado. Se tu não tiver a estética tal, estabelecida por padrões x e que se altera, também não servirá. Se tu não tiver um investimento de recurso financeiro também não acontecerá. E isso acontece com todas as profissões, essas frustrações são normais nas relações de trabalho. (ANTÔNIO CARLOS, grifo nosso)

O entendimento que o auge do artista será quando ele fizer sucesso em escala regional, nacional ou mundial foi algo construído culturalmente, e está associado a valores que nada têm a ver com a produção da arte em si. A arte é um prazer individual, que se estiver atrelado à remuneração e grande notoriedade, evidentemente será prazeroso, contudo a fama, segundo o entrevistado, é algo que não virá para todos. A frustração é um sentimento que aparece constantemente na fala de alguns dos participantes, que ainda não estão satisfeitos com o lugar que ocupam no mundo da música, justamente por terem idealizado a profissão enquanto um lugar de sucesso e popularidade.

*A gente escuta tanta história dessa galera aí, Victor e Leo 15 anos pra estourar. Então quando tu pensa que não vai, vai lá e faz, uma hora, de um jeito ou outro vai dar certo, é isso. (RAFAELA)*

*Eu acho que todo cantor, todo artista tem o sonho de pegar a música, ser conhecido, a nossa música todo mundo escutar, eu tenho esse objetivo de um dia ser conhecido no Brasil todo, eu batalho pra caramba pra chegar a esse “pronto, estourou, as pessoas conhecem minha música no Brasil todo”. (LUÍS MAURÍCIO)*

Sobre o futuro na carreira de músico profissional inserido no contexto de performances, dos sete entrevistados somente dois afirmaram não desejar mais esse tipo de atividade, sendo que um deles justificou sua escolha pautada na busca por estabilidade financeira, embora não descarte a música como profissão.

*Esse tocar na noite como forma prioritária de obtenção de renda é algo que eu realmente pretendo abandonar, porque há um cansaço natural dessa coisa do lidar com a noite. Se você imaginar que você vai tocar até o final da vida, você tá ‘lascado’, porque cada vez mais o mercado tá mais volátil. Porque como músico*

*performático, como músico executante, você não tem alternativas. Não existe um concurso pra músico executante, então no lecionar talvez você tenha um mínimo de estabilidade como professor concursado, então isso é o mínimo de garantia do futuro. Já me vi muito perguntando por isso e vejo muitos músicos se perguntando sobre qual será sua condição aos 40, aos 50, aos 60, 70. (WALTER)*

*Assim, tem hora que a gente pensa grande, mas ao mesmo tempo que dá vontade de fazer tudo, dá vontade de fazer nada e só esperar o que vai acontecer, porém **deixar de tentar, nunca**. Tentando, achando, crendo, tendo fé que uma hora vai dar certo. Porque a gente sempre vai pensando no pior, vai pensando no não, quando receber o sim, vai ser massa. (RAFAELA)*

Ao passo que o entrevistado Walter já refletiu sobre o futuro como professor, pois vislumbra no concurso público a garantia de estabilidade como alternativa para a saída da informalidade e insegurança salarial, Rafaela decidiu que não deixará de insistir na carreira de cantora. Um ponto a destacar é justamente a diferença nas atividades destes dois músicos, o instrumentista sempre possui mais oportunidades de inserção em outros vínculos de trabalho com música, como *freelancer*, por exemplo, já o cantor não.

Mediante as incertezas e instabilidades que definem a natureza do trabalho de músicos em São Luís, bem como a falta de reconhecimento, que se manifesta tanto na remuneração quanto na desvalorização social desse profissional, o relato do entrevistado Paulo César resume bem alguns dos pontos levantados pelos entrevistados no que tange a relação com o trabalho: o amor e compromisso com a profissão e a gratificação que vem pelo reconhecimento.

*Ser artista em São Luís não é fácil, a gente carrega essa bandeira porque nós fomos escolhidos pra isso e a gente tem muito amor pelo que a gente faz e compromisso acima de tudo. **Mas não é fácil. Mas é gratificante, por outro lado, o reconhecimento.** (PAULO CÉSAR, grifo nosso)*

O processo psicodinâmico do reconhecimento foi descrito por Dejours (2011) a partir do triângulo marcado pelas categorias sofrimento, trabalho e reconhecimento, no qual a retribuição simbólica, oriunda do reconhecimento se dá na construção do sentido, que se constitui na transformação do sofrimento em prazer. Logo, para que aconteça essa transformação é necessária a presença do reconhecimento (MARTINS; LIMA, 2015). O trecho exposto acima sintetiza bem a relação do músico com o seu trabalho, que possui adversidades como qualquer outra profissão considerada nos moldes de uma formalidade, e embora existam muitos preconceitos e estereótipos formados em relação à figura do artista como um trabalhador (e não um *entertainer*), o reconhecimento simbólico é um fator bastante favorável à permanência do artista nos palcos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que forma comparece o reconhecimento do trabalho dos músicos ludovicenses, frente a uma sociedade que não confere a este profissional um status de trabalhador. A relevância do tema se faz na escassez de estudos em Psicologia que abordem contextos de trabalho que ultrapassem os muros das organizações e que passem a perceber o sofrimento psíquico dos trabalhadores inseridos nos moldes dos trabalhos informais.

Périlleux (2011) destaca que para que haja o entendimento do contexto de trabalho de um indivíduo, não pode haver uma redução do seu trabalho aos seus conflitos internos, ou seja, uma redução ao psiquismo do sujeito, para isso a compreensão da conjuntura social é de extrema importância. Por este motivo, ao delimitar a cidade de São Luís como o ambiente de trabalho dos músicos, foi necessário conhecer as condições do mercado, das relações, dos atores sociais envolvidos no cenário ludovicense. Só assim foi possível compreender que alguns dos fatores mencionados pelos participantes eram pertinentes ao seu contexto de trabalho, enquanto outras eram comuns à profissão dos músicos em geral, com base no levantamento bibliográfico realizado pela pesquisadora.

Através da ida ao campo, tanto para a realização das entrevistas, quanto como pesquisadora-observadora, foi possível perceber que apesar de não haver um ambiente de trabalho fixo, visto que há um predomínio de descontinuidade nos locais das apresentações, existe uma organização no trabalho dos músicos, bem como uma divisão das tarefas. Pôde-se corroborar com as formas dominantes da organização do trabalho do artista citadas por Menger (2005): o autoemprego (trabalho autônomo), o *freelancing*, os trabalhos intermitentes, cachês e empregadores diferenciados.

Nesse sentido, foram destacadas nas falas dos participantes a constante busca por trabalhos, a extrema necessidade de estarem divulgando seus projetos e principalmente a sua imagem nas diversas mídias sociais. A visibilidade social é imprescindível para o artista, pois é o reconhecimento do público que lhes garantirá futuras contratações para *shows*.

Percebeu-se que mesmo diante de toda a instabilidade no meio musical esses trabalhadores persistem por anos, não necessariamente sendo bem remunerados, trabalhando sob condições adversas e prejudiciais à sua saúde, visto que perdem noites de sono, passam horas estudando e praticando, o que os desgasta física e psicologicamente. Contudo, estes desgastes são invisíveis ao público, que muitas vezes só percebe o produto final desse trabalho, sem conhecer os bastidores. Isso repercute na percepção que a sociedade tem, o que se reflete na reprodução de estereótipos e preconceitos sobre a figura do músico, como foram

citados pelos entrevistados: “vagabundo”, “entretenimento”, indivíduos que fazem uso exacerbado de bebidas e drogas, entre outros. Por outro lado, há também o discurso que considera que o músico possui um dom, que é um gênio superdotado. Ambas as concepções acabam por desvalorizar que o ser artista é uma profissão e que produzir arte é um trabalho.

Essa desvalorização social repercute também nas relações de trabalho do músico profissional, especialmente no que tange a sua remuneração, visto que há ausência de contratos físicos (são geralmente acordos verbais), de leis trabalhistas que assegurem esse profissional e até mesmo de normas que respaldem um piso salarial à profissão, por exemplo. Por esse motivo, muitos contratantes deixam de pagar o valor acordado antes do *show*, ou demoram dias/semanas/meses para pagar, havendo casos em que simplesmente não pagam. Nesses casos, resta ao músico ou correr atrás e “se humilhar” diante do contratante ou deixar de lado.

A irregularidade na remuneração é uma realidade vivida por esses trabalhadores, sendo que a procura por outros vínculos para complementar a renda mensal também se coloca como um traço do trabalho dos músicos. Em geral, foi visto que a maioria dos entrevistados conseguiu encontrar empregos nos quais podem desempenhar atividades relacionadas à música, o que eles salientam como sendo algo positivo. Dos sete músicos entrevistados, três exercem também a profissão de professores de música, a qual eles relataram ter muito prazer, pois proporciona a (re)aprendizagem e a transmissão disso como sendo fundamental para as suas performances.

Périlleux (2015) afirma que os artistas podem nos levar a sentir “o coração que bate” do trabalho, a vida que palpita no trabalho, uma vida invisível, frágil, com frequência maltratada pelos modos atuais de organização produtiva. Um trabalho que impeça ao artista o uso da sua criatividade e fomente a monotonia pode levar o sujeito a naturalizar seus processos de trabalho, alienando-o das suas tarefas e do seu saber-fazer. Gernet (2014) pontua que o uso da engenhosidade é essencial para possibilitar vivências de prazer no trabalho, tal como o reconhecimento simbólico do engajamento da subjetividade do trabalhador.

Foi percebido que muito embora o trabalho com arte seja vinculado a uma imagem de lazer, entretenimento e diversão, aspectos como vaidade, inveja, competitividade e individualismo estão presentes no cotidiano de trabalho dos músicos ludovicenses, o que foi citado como fator de sofrimento por alguns destes. Entretanto, também compareceu a cooperação do coletivo de trabalho como um suporte para o enfrentamento das adversidades e superação dos conflitos grupais, que ocorrem naturalmente na rotina de trabalho, bem como em viagens de longa duração, a partir da formulação de normas e regras de convivência.

Apesar de os relatos de sofrimento e falta de reconhecimento terem comparecido com maior frequência nas entrevistas, não foi percebido a presença de um sofrimento enquanto patogênico, mas criativo, ao possibilitar que o sujeito encontre forças para se engajar e persistir, uma vez que não há como eliminar o sofrimento no trabalho (MORAES, 2013). Desse modo, a ida ao campo se configurou como uma confirmação da entrevista enquanto uma intervenção psicossocial o que pôde proporcionar a esses trabalhadores um lugar de fala, que por si só possui efeito terapêutico.

Foi bastante significativo para a pesquisadora notar que a inquietação inicial que moveu este estudo pôde ser corroborada nas falas dos entrevistados, que se mostraram solícitos em participar da pesquisa muito em função da preocupação do tema em trazer à tona o trabalho – aqui no sentido marxiano de trabalho “concreto”, onde há identificação e realização de si – dos músicos ludovicenses como forma de proporcionar voz a esta classe.

Embora a presença do sofrimento nos relatos tenha comparecido em maior quantidade, foi percebido que havia grande intensidade nas falas que apontavam para um forte sentido no trabalho, sendo que a relação sujeito-música por si só é o que ressignifica a relação sujeito-trabalho, dando lugar às experiências prazerosas. Da mesma forma, foram mencionadas diversas manifestações da falta de reconhecimento social vivenciadas pelos entrevistados, no entanto, quando as falas do reconhecimento do trabalho apareceram, foi possível notar sentimentos de dever cumprido, (auto) realização, felicidade em estar sendo visto. Esse reconhecimento não se expressa em um valor material, de remuneração financeira, mas pela fala ou pelos gestos, e como foi citado por um dos entrevistados: “é isso que faz continuar”. A retribuição do trabalho do músico se dá em um valor simbólico e é sempre proferido pelo outro. Percebe-se então a função que o reconhecimento do trabalho tem na vida do sujeito, uma vez que age em benefício de sua saúde psíquica.



## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1986. (Coleção Primeiros Passos).
- ALVARENGA, E. C. **A coragem de ser músico de orquestra sinfônica**: uma análise baseada na psicodinâmica do trabalho. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo. 2009.
- ANTUNES, R.. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ARAÚJO, J. N. G. Psicossociologia do trabalho. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 321-326.
- ASSIS, Daniela Tavares Ferreira de; MACEDO, Kátia Barbosa. O trabalho de músicos de uma banda de blues sob o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis , v. 10, n. 1, p. 52-64, jun. 2010 .
- BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Cláudio Simon. Apoio parental percebido no contexto da escolha inicial e da evasão de curso universitário. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo , v. 9, n. 2, p. 31-44, dez. 2008 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902008000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902008000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 nov. 2018.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENDASSOLLI, P. F.; SOBOLL, L. A. P. Clínicas do trabalho: filiações, premissas e desafios. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 14, n. 1, p. 59-72. 2011.
- BONI, V; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Santa Catarina, v. 2, n. 1-3, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 14 jun. 2018.
- CERQUEIRA, A. P. C. de. **O artista como trabalhador**. 2015. Disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/Tania%20Mittelman%209705.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/Tania%20Mittelman%209705.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.
- CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO). **Descrição de atividades**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CODO, W.; et al. **O trabalho enlouquece?** Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes, 2004.

COLI, J. **Vissi d'arte por amor a uma profissão:** um estudo de caso sobre a profissão do cantor de teatro lírico. São Paulo: Annablume, 2006.

COSTA, S. H. B. Sentido do trabalho. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho.** Curitiba: Juruá, 2013. p. 375-380.

CZAJKA, R. Por uma sociologia da música em Theodor Adorno. **Baleia na rede – estudos em arte e sociedade**, v. 1, n. 10. 2013.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social.** 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Prod.** São Paulo, v. 14, n. 3, p. 23-43, dez. 2004.

DEJOURS, C. **O fator humano.** 5.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

DEJOURS, C. **Trabalho vivo:** Trabalho e emancipação, tomo II. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DEJOURS, C. Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours:** da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo, 2011. p. 47-104.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho:** Contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas. 1994.

DEJOURS, C.; DESSORS, D.; DESRIAUX, F. Por um trabalho, Fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 3; p. 98-104, jul./set. 1993.

DRUCK, G. A precarização social do trabalho no Brasil: alguns indicadores. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2013.

ENRIQUEZ, E. O trabalho, essência do homem? O que é o trabalho? **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 17, n. esp., p. 163-176, jun. 2014.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FEITOSA, L. R. C. **E se a orquestra desafinar?** Contexto de produção e qualidade de vida no trabalho dos músicos da Orquestra Sinfônica de Teresina/PI. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

FERREIRA, F. Uma introdução a Max Weber e a “Ética protestante e o espírito do capitalismo”. **Caderno Mais.** 2000.

FERREIRA, J. B.; MACÊDO, K. B.; MARTINS, S. R. Real do trabalho, sublimação e subjetivação. In: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. (Orgs.). **Trabalho e Prazer: teoria, pesquisas e práticas**. Curitiba: Juruá. 2015. p. 33-49.

FERREIRA, J. B.; MENDES, A. M. A Sabedoria Prática: Estudo com Base na Psicodinâmica do Trabalho de Criação Literária. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 141-154, maio/ago. 2012.

FERREIRA, M. C. Interfaces entre a psicodinâmica do trabalho, a sociologia clínica e a ergonomia da atividade: a face da ergonomia da atividade. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2011. p. 193-216.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. B. **Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores fiscais da Previdência Social brasileira**. Brasília-DF: Edições Ler, Pensar, Agir (LPA), 2003.

FRANÇA, A. O. **Do hobby à atuação profissional: a vulnerabilidade das relações de trabalho da classe artística e suas raízes**. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo , v. 35, n. 122, p. 229-248, dec. 2010 .

FREITAS, L. G. Centralidade do trabalho. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 77-81.

GERNET, I. Psicodinâmica do reconhecimento. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 61-76.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e complicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HIRATA, H. Globalização, trabalho e gênero. **R. Pol. Públ.**, v. 9, n. 1, p.111-128, jul./dez. 2005.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1999.

LAGE, Cristiane Siqueira da Rocha; BARROS, Vanessa Andrade de. A gente só vê glamour: um estudo de Psicologia do trabalho com músicos profissionais. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília , v. 17, n. 2, p. 89-96, jun. 2017.

LHUILIER, Dominique. Introdução à Psicossociologia do trabalho. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 17, n. esp., p. 5-20, jun. 2014 . Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172014000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 jun. 2018.

LIMA, S. C. C. Reconhecimento no trabalho. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Org.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p.351-355.

MACÊDO, K. B.; HELOANI, R. Identidade. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 219-223.

MAGALHÃES, T. C. de. A Atividade Humana do Trabalho (Labor) em Hannah Arendt. **Revista Ensaio**, São Paulo, n.º 14, p.131-168. 1985.

MARTINS, S. R. Subjetividade (Intersubjetividade). In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Org.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 433-438.

MARTINS, S. R.; LIMA, S. C. C. Reconhecimento e coletivo de trabalho. In: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. (Orgs.). **Trabalho e Prazer: teoria, pesquisas e práticas**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 51-73.

MARTINS, G. A.; THEÓFILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007. p. 21-48.

MENDES, A. M.; DUARTE, F. S. Mobilização subjetiva. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá. p. 259-262. 2013.

MENDES; A. M.; MULLER, T. C. Prazer no trabalho. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 289-292.

MENGER, P.M. **Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo**. Lisboa: Roma Editora, 2005.

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta In. MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAES, R. D. Estratégias defensivas. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Org.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 153-157.

MORRONE, C. F.; MENDES, A. M. A resignificação do sofrimento psíquico no trabalho informal. **Revista de Psicologia Organizacional e do Trabalho**, v. 3. p. 91-118. 2003.

MURRAY, C. A música como objeto de memória. In: SILVA, R. M. C. (Org.). **Cultura popular e educação: salto para o futuro**. Brasília: MEC, 2008.

NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, ed. esp. n. 1, p. 14-20. 2007.

PÉRILLEUX, T. Trabalho e afeto: perspectiva sociológica e psicanalítica. In: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. (Orgs.). **Trabalho e Prazer: teoria, pesquisas e práticas**. Curitiba: Juruá, p. 91-99. 2015.

PÉRILLEUX, T. Clínica do trabalho e crítica social. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. Curitiba: Juruá, 2011, p. 145-163.

PROENÇA, G. **História da arte**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

RAMIL, Vitor. Vitor Ramil: “O artista paga alto preço por levar uma vida não convencional”. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-elazer/noticia/2016/06/vitor-ramil-o-artista-paga-alto-preco-por-levar-uma-vida-naoconvencional-5825352.html>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

RIBEIRO, C. V. S. Psicologia do trabalho. In: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 303-307.

SAMPAIO, J. R. A Psicologia do trabalho em três faces. In: GOULART, I. B. (Org.). **Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

SCHLINDWEIN, V. L. D. C. Estratégias subjetivas de enfrentamento do sofrimento no trabalho. In: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. (Orgs.). **Trabalho e Prazer: Teoria, pesquisas e práticas**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 175-197.

SEGNINI, L. R. P. Criação rima com precarização: Análise do mercado de trabalho artístico no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2007.

SEGNINI, L. R. P. Música, dança e artes visuais: especificidades do trabalho artístico em discussão. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. p. 59-75.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SILVA, S. L. “**A gente tá sempre com a guilhotina no pescoço**”: Precarização e violência no trabalho docente sob o olhar da clínica psicodinâmica do trabalho. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. P. **Pensando e vivendo a orientação profissional**. São Paulo: Summus, 1993.

SOLDERA, L. M. Breve compêndio conceitual e metodológico da Psicodinâmica do Trabalho e da Psicossociologia. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 243-253. 2016.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol. Soc.** Porto Alegre, v. 19, n. esp., p. 38-46. 2007.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a dinâmica de reconhecimento no trabalho dos músicos que residem na cidade de São Luís do Maranhão, de modo a analisar o sentido e o significado que estes profissionais atribuem ao seu trabalho, bem como a dinâmica de prazer-sofrimento e as estratégias de mediação utilizadas para lidar com o seu cotidiano laboral. A coleta de informações ocorrerá através de entrevista. A entrevista será gravada, para posterior transcrição a ser realizada pela própria pesquisadora. A sua participação neste estudo é **voluntária**. Caso julgue necessário, você poderá fazer perguntas a qualquer momento desta entrevista. A sua identidade será mantida como informação **sigilosa** – a não ser que o participante não deseje que seja.

O recurso da entrevista é parte da metodologia usada na Monografia da pesquisadora, requisito de conclusão do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, sob orientação da professora Dra. Carla Vaz dos Santos Ribeiro. Os resultados da pesquisa serão apresentados para uma banca de monografia, e este estudo poderá ser publicado, mas sua identidade não será revelada.

Declaro que eu li e entendi todas as informações sobre esta pesquisa, me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo desta. Portanto, consinto voluntariamente em participar.

Nome completo: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local e Data: \_\_\_\_\_

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Responsável pela pesquisa: Brenda Barros Machado

Caso necessite de algum esclarecimento sobre sua participação no estudo, poderá contatar com a responsável pela pesquisa no telefone (98) 98126-3360 ou pelo e-mail: [brenda.b.machado@hotmail.com](mailto:brenda.b.machado@hotmail.com)

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Gênero:

Escolaridade:

Tempo de trabalho:

- 1) O que vem à sua mente quando voce ouve a palavra trabalho?
- 2) Fale sobre como se deu a sua inserção na música? *(Como foi o início da sua carreira profissional?)*
- 3) Para você, o que significa ser músico em São Luís? *(Qual importância você atribui ao seu trabalho?)*
- 4) Como você acha que a sociedade percebe a sua profissão?
- 5) Como você percebe o reconhecimento do seu trabalho pelos outros (pares, público)?
- 6) Descreva as suas atividades como músico no seu dia a dia *(rotina)*.
- 7) Em seu trabalho como músico em São Luís sempre houve remuneração? *(A partir de quando se tornou remunerado?)*
- 8) Quais os tipos de lugares/eventos em que você costuma se apresentar?
- 9) Como você avalia a sua relação com os outros músicos da sua banda/grupo?
- 10) Existem normas/regras de convivência estabelecidas entre vocês?
- 11) O que você destaca como sendo vivências de prazer nas suas atividades?
- 12) E o que você destaca como desprazer, sofrimento? Como costuma lidar com isso?
- 13) Você acredita que o seu trabalho interfere na sua saúde?
- 14) Você possui outro trabalho? Fale sobre como se deu a sua inserção neste.
- 15) Como você distribui seu tempo entre as esferas profissional, social e pessoal? *(Qual o tempo que você dispõe para o lazer ou para realizar tarefas da sua vida pessoal?)*
- 16) Quais as suas perspectivas futuras em relação ao seu trabalho como músico?